

Violetas na Janela

Romance de **Patrícia**
Psicografia de VERA LÚCIA MARINZECK DE CARVALHO

Dedicatória

Um trabalho que temos a graça e oportunidade de fazer é nossa realização. Dedicar a alguém é demonstrar, reconhecer que eles também ajudaram de algum modo. A meus pais José Carlos Braghini e Anézia Alba Marinzeck Braghini, que muito amo e aos quais muito devo.

Patrícia

As violetas não só enfeitaram a janela do meu quarto, mas também a do mundo novo que defrontava à minha frente. O amor permanecia além do tempo e do espaço.

Algumas Palavras da Médium

Patrícia é minha sobrinha, filha de minha irmã. Tínhamos grande afinidade, éramos amigas.

Na adolescência, quase tudo que ela pensava, estando perto, captava seus pensamentos com facilidade.

Chegamos a brincar com a telepatia. Uma vez, no sítio de seus pais, fizemos uma experiência. Cada uma de nós ficou em um quarto, ela pegava um objeto e transmitia, eu adivinhava. Deu certo, experimentamos com palavras, com exatidão. Só ela conseguia transmitir, eu captar.

Como o acaso não existe, tenho a certeza de que nossos espíritos sabiam da tarefa que faríamos mais tarde.

Patrícia desencarnou aos dezenove anos, deixou uma lacuna, saudades da presença física, mas a certeza de que não nos separamos.

A vida continua, e é sobre esta particularidade, o prosseguimento, que ela vem amorosamente nos narrar, legando novos conhecimentos.

De minha parte, sou grata, profundamente grata ao Pai por me permitir desfrutar de sua companhia enquanto trabalhamos.

Vera

São Sebastião do Paraíso, MG, 1992.

Prefácio

Conheci Patrícia encarnada. Era uma menina, de infante tornou-se uma linda moça. Alta, magra, loura com cabelos cacheados compridos, olhos azuis parecendo pedaços do céu. Sorriso franco e alegre, maravilhava a todos. Mas não foi esta beleza perecível que me chamou atenção. Era pura, delicada, cultivara a parte verdadeira, que a acompanhou na desencarnação. Era Espírita. Tinha na Doutrina Espírita sua meta de viver. Inteligente, estudiosa, o conhecimento das verdades eternas era de seu interesse. Ouvia as orientações do seu genitor com profundo devotamento. Raciocinava sobre tudo que aprendia. Quando a conheci, soube que ia deixar o corpo físico jovem. Assim fez. Como uma flor colhida que enfeitava a Terra, veio nos encantar no Plano Espiritual.

Incentivei-a a ditar aos encarnados. Como amante da Literatura, pedi a ela que narrasse aos nossos irmãos na carne sua experiência. Como é agradável a morte do corpo nos surpreender com a consciência tranquila, sem erros, vícios e com conhecimentos da Vida Espiritual.

Para minha alegria, Patrícia aceitou. Para este evento, estudou. Tarefa que não foi nenhum sacrifício. Ama aprender.

Emocionado, apresento esta delicada alma que com sua simplicidade perfumará nossa Literatura Espírita.

Antônio Carlos

I

DESPERTANDO

Por muitas vezes acordei para logo em seguida adormecer. Neste período desperta, observei o local onde estava. Era um quarto com paredes claras e uma janela fechada. O local estava na penumbra. Sentia-me extremamente bem. Ouvia a voz do meu pai, ou melhor, sentia as palavras: “Patrícia, filha querida, dorme tranquila, amigos velam por você. Esteja em Paz.” Embora estas palavras fossem ditas com muito carinho, eram ordens. Sentia-me protegida e amparada.

Estava deitada numa cama alta como as do hospitais, branca e confortável. Acordava e dormia.

Até que despertei de fato. Sentei no leito. Virei a cabeça devagar observando o quarto e foi então que vi ao lado do meu leito, sentado numa poltrona, um senhor. Quando o olhei, ele sorriu agradavelmente.

Apalpei-me, ajeitando-me entre os lençóis alvos e levemente perfumados. Estava vestida com meu pijama azul de malha. Arrumei com as mãos meus cabelos.

“Onde será que estou?” pensei.

Não conhecia o local e nem aquele senhor, que calmamente continuava a sorrir. Não tive medo e nem me apavorei. Fiquei calada por minutos, tentando entender. Até que o risonho senhor me dirigiu a palavra.

—Oi, Patrícia! Como se sente?

—Bem...

Pensei no meu pai. Senti-o. Interroguei-o mentalmente: “Papai, que faço?”. “Calma, esteja tranquila, diante do desconhecido, procure conhecer; nas dificuldades ache soluções. Pense em Jesus. O Divino Mestre é a Luz do nosso caminho.” Papai respondeu dentro de mim, era como se pensasse com a voz dele. Senti coragem e ânimo, certamente fluidos que me enviava. Confiei. Voltei a cabeça na direção daquele senhor, olhei-o fixamente e indaguei:

—Como sabe meu nome?

—Patrícia é um lindo nome, conheço-a há tempo.

—Onde estou?

—Entre amigos.

Realmente sentia assim. Estava calma. Ter acordado num lugar desconhecido e com aquele estranho ao meu lado pareceu-me natural. Logo eu que sempre fui tão caseira e avessa a estranhos. Interroguei-o novamente.

—Como se chama?

—Maurício. Sou amigo de seu pai.

—É médico? Trabalha no nosso Centro Espírita?

Não me respondeu, seu olhar tranquilo dava-me calma. Observei-o detalhadamente. É ruivo, com sardas pelo rosto, olhos verdes, boca grande e sorriso agradável. Deixou que eu o observasse. Minutos passamos em silêncio. Até que ousei perguntar:

—Estou sonhando ou desencarnei?

II INDAGANDO

Aquele estranho, que por afinidades senti um amigo a velar por mim, continuava a sorrir. Olhou-me nos olhos. Lembranças de acontecimentos vieram à minha mente.

Ia levantar, era domingo, inverno, final de férias. Sentei na minha cama para trocar meu pijama quente por outra roupa, quando senti uma tonteira. Minha cama estava encostada na parede e foi nela que apoiei a cabeça. Parecia que algo explodia dentro de minha cabeça. Estas sensações foram por segundos. Vi e ouvi por instantes, sem definir quem fosse, pessoas ao meu lado.

—Calma, Patrícia, calma! — alguém falou carinhosamente.

Senti que seguraram minhas mãos, como também senti mãos sobre minha cabeça.

—Dorme, dorme...

Dormi realmente. As lembranças acabaram como por encanto. O fato é que estava num quarto que não era o meu, diante de Maurício. Olhei para todos os lados. Entendera, não foi preciso ele responder, Maurício somente me ajudou a lembrar. Desencarnei. Estava tão calma que estranhei. Suspirei, o melhor é assumir. Não sabia que iria desencarnar um dia? Voltei a indagar Maurício, como se fosse um assunto banal.

—Que aconteceu? De que desencarnei?

—Uma veia rompeu no seu cérebro. Tem que haver um motivo para o corpo morrer quando é vencido o prazo de o espírito ficar encarnado. Foi por um aneurisma cerebral.

—Onde estou?

—Na Colônia São Sebastião. No Hospital. Na parte de Recuperação.

—Recupero-me de quê?

—De nada, você está ótima, aqui está somente para se adaptar. Patrícia, lembra de sua avó Amaziles? Ela está aqui e quer vê-la.

A imagem de vovó veio à minha mente. Gostava muito dela. Esteve muito doente, piorara e fora para o hospital. Quando desencarnou estávamos, seus netos, a orar para que sarasse. Ao saber que desencarnou, pusemo-nos a chorar. “Como? — minha irmã indagou —Estávamos a orar para que sarasse.” Minha mãe respondeu: “Suas orações foram ouvidas. Jesus, vendo que ela não poderia sarar no corpo, levou-a para que sarasse no Plano Espiritual.” Senti, sentimos muito seu desencarne. Agora, ali estava ela querendo me ver. Corrigi meu pensamento. Gostava? Não! Gosto muito dela!

—Por favor, Maurício, faça-a entrar — disse emocionada.

Vovó entrou no quarto de mansinho. Estava diferente, mais bonita, esperta e sem seus grossos óculos. Beijou-me na testa e nos abraçamos demoradamente. Meus sentimentos naquele momento ficaram confusos. Sentia alegria em vê-la, mas, também, tive a certeza de que realmente tinha desencarnado. Senti um vazio e um ligeiro medo. Percebendo, vovó desprendeuse, sentou-se ao meu lado, no leito. Sorriu feliz dizendo:

—Patrícia, aqui é lindo! Logo poderei mostrar a você lugares maravilhosos. Você está tão bem! Tão linda! Necessita de alguma coisa? Quer que lhe faça algo? Você...

—Vovó — interrompi — como está mamãe? Papai? Juninho? Carla e o nenê? *(Juninho e Carla são meus irmãos. Carla, quando desencarnei, estava grávida do seu primeiro filho.)*

—Estão bem. São Espíritas. O Espiritismo dá aos encarnados o entendimento da morte do corpo. Compreenderam os acontecimentos e sabem que seu desencarne lhe trará

muitas felicidades. Juninho está bem, Carla também: irá ter um belo menino. Seu pai é firme como a rocha, seu saber é o leme a dirigir o barco do seu lar.

—Vovó, eles não sentiram meu desencarne?!

—Sentiram. Claro que todos sofrem sua ausência. Se ajudam mutuamente com muita compreensão. Fazem de tudo para mandar a você o carinho e o amor que sentem. Um dia vocês irão se encontrar, como agora se encontra comigo. Verá que nunca estiveram separados. O amor une.

—Vovó, por favor, cuide deles, o senhor também, Maurício. Ajudem-nos. Mamãe deve estar triste. Será que chora por mim? Ela poderá não querer se alimentar.

Maurício, desde que vovó entrara no quarto, ficou sentado na poltrona em silêncio. Como me dirigi a ele, rogando ajuda, tentou tranquilizar-me.

—Patrícia, no seu lar terreno eles só nos pedem que cuidemos de você. A menina nos pede para cuidar deles. O carinho sincero que os une é laço forte. Cuidaremos de você e deles. Estarei sempre com você, até que se adapte bem me terá por companhia. Estou encarregado de velar por você.

—Obrigada — respondi tentando sorrir, mas acho que fiz foi uma careta.

Foi me dando um sono, uma vontade irresistível de dormir. Deitei. Vovó ajudou a me acomodar. Meus olhos foram fechando. Os dois sorriram para mim. Vovó me beijou na testa, segurou minha mão.

—Acho que vou dormir...

III

PRIMEIROS CONHECIMENTOS

Acordei bem disposta, estava sozinha, as lembranças vieram-me à mente. “Bem — concluí — se desencarnei, tenho que me adaptar rápido e aprender como viver desencarnada”.

Tinha lido muitos livros espíritas, gosto muito de ler. E me veio à lembrança o livro Nosso Lar, de André Luiz. O autor narra bem como é viver numa Colônia. E, se estava numa Colônia, só tinha motivos para agradecer. Desencarnei e não vaguei, não sofri, não fui para o Umbral. Estava sendo socorrida e me sentia ótima.

Observei curiosa o quarto. Era simples, limpíssimo, com um armário, uma mesinha, duas cadeiras e uma poltrona. Na parede um espelho. Mas havia duas portas e uma janela.

—Será que levanto? — falei baixinho.

Após uma leve batidinha na porta, Maurício entrou sorrindo. Me deu vontade de perguntar por que ria tanto, mas não fiz, preferi sorrir também.

—Bom dia, menina Patrícia. Como está?

—Bom dia.

—Você também tem um lindo sorriso. Gosto de sorrir, fico menos feio e não assusto tanto. Depois sou tão feliz...

Senti meu rosto queimar, devo ter ficado vermelha, ele pareceu nem notar e continuou a falar alegremente.

—Acordou disposta, está muito bem. Levante se quiser e fique à vontade.

—Sinto muito sono, acordo e quero dormir novamente. Dormi muito? Quantos dias?

—Você desencarnou há dezesseis dias. Dorme muito porque estamos atendendo a seu pai, que nos pediu que a adormecêssemos nestes dias.

—Por quê?

—Achamos que é melhor para você. Assim, neste período difícil que é para os encarnados a perda de um ente querido, você dormindo não sente.

—Estão sofrendo muito?

—É natural que sofram. Seu desencarne foi rápido, não esperavam, você estava tão bem. Não deve se preocupar, o tempo se encarrega de suavizar todas as dores.

—Acho que vou dormir de novo.

Acomodei-me e dormi. Meu sono era tranquilo e gostoso. Quando acordei, estava só. Orei com fê, agradei ao Pai o muito que recebia, roguei a Jesus amparo a minha família, pedi consolo a eles. Eu os amava e era amada. Se eles queriam que estivesse bem e feliz, eu desejava alegria a eles. Orei pensando em todos, um de cada vez. Senti mamãe triste. Ao pensar em papai, senti-o como se estivesse na minha frente a dizer com sua voz forte: “Patrícia, minha filha, não tenha dó de você, não deixe a autopiedade lhe esmorecer. Seja forte, quero-a alegre. Sorria! A vida é bela, estando cá ou aí não importa, o que precisamos é estar com Deus. Amigos cuidam de você, receba seus carinhos. Fortaleça-se, não tema. Você está bem, esforce-se por ser feliz. Estaremos sempre juntos. Você não deve se importar com a perda do seu corpo carnal, deve entender que a vida lhe é grata. Ore. Sinta nosso carinho e sorria”.

Fiquei animada, levantei, abri a outra porta e deparei-me com um banheiro bem bonito, limpo e simples. Abri a torneira da pia, a água com a temperatura ambiente era

agradável e límpida. Lavei minhas mãos e rosto. Olhei no espelho. Estava com ótima aparência. Ajeitei meus cabelos. Voltei ao quarto, abri o armário e deparei-me com algumas de minhas roupas. Não gostava de ficar com roupa de dormir, escolhi uma calça jeans e uma camiseta amarela e me troquei. Senti-me muito bem. Desencarnei no inverno, a temperatura estava bem fria, mas ali não sentia frio.

Ouvi batidas na porta, logo em seguida Maurício entrou, desta vez fui eu quem sorriu. Trouxe uma bandeja que colocou em cima da mesa.

—Que alegria vê-la tão bem!

—Maurício, não estamos no inverno? Aqui não faz frio?

—Nem frio, nem calor. Nas Colônias a temperatura é sempre suave e agradável. No Umbral, a temperatura varia como para os encarnados.

Descobriu a bandeja, continha alimentos.

—Patrícia, venha comer.

—Pensei que não ia mas necessitar de alimentos.

—A impressão de encarnado não se perde da noite para o dia.

—Você se alimenta?

—Não, — sorriu — não desta forma. Lembro-a que o perispírito de que agora está revestida é ainda matéria. Somente aos poucos deixará de se alimentar e, para isto, é necessário aprender a se prover de outras fontes de energia. Se quiser se banhar, fique à vontade, a sala de banhos ou banheiro está logo ali. Você, como tinha bons hábitos de higiene, é natural, só deixará de fazer o que estava acostumada quando aprender a se higienizar pela força de vontade.

—E estas roupas? São minhas. Como vieram parar aqui?

—Certamente não são as mesmas. Encarnada vestia roupas da matéria. Aqui são diferentes, são roupas próprias para desencarnados. Estas são cópias das que tinha. Plasmei para agradá-la. Troque-as à vontade.

—Obrigada. Acontece assim com todos que desencarnam?

—Não. Você, Patrícia, veio ter na Colônia por mérito e afinidades. Fez, encarnada, muitos amigos aqui, é querida. Amigos são para ajudar. No seu caso, tentamos agradá-la. Infelizmente não é para todos que podemos fazer estes agrados. A maioria veste roupas confeccionadas com fluidos mentais, fabricadas na Colônia. Como esta minha. Patrícia, somos companheiros de trabalho de seu pai. Ele nos pediu, confiou-nos você e espero cuidar bem da menina.

—Não fui para uma enfermaria.

—Se fosse, não acharia ruim. Talvez por não desejar exclusividade que podemos fazer tudo isto por você. Quartos individuais são para poucos somente. Alimente-se.

Havia na bandeja frutas, doces e pães. Peguei uma pêra, estava deliciosa, comi-a num instante. Comi de tudo para experimentar. As frutas são saborosas, os pães macios e deliciosos.

Maurício me observava sempre sorrindo. Acabei de comer e o olhei. Queria tomar banho, estava com vergonha de dizer. Parecia tão estranho! Desencarnei e estava me alimentando e sentia vontade de tomar banho.

—Menina Patrícia — disse meu amigo — fique à vontade. Tome banho, escove os dentes, use o vaso sanitário. Vou levar a bandeja, volto daqui a uma hora. Se necessitar de ajuda, toque a campainha.

Entrei no banheiro e tomei um delicioso banho de chuveiro. Sempre gostei de banhos de água quente e a água estava como queria. O chuveiro é um pouco diferente dos

que conhecia, é regulado por um botão giratório. *(Aqui os aparelhos a que me refiro não são do padrão geral. Para cada local são usados os que mais convêm e são úteis.)*

Lavei-me da cabeça aos pés. Coloquei a mesma roupa. Senti-me muito bem. Penteei meus cabelos. Meus cabelos longos e ondulados nos davam, a minha mãe e a mim, muito trabalho. “Que vou fazer agora?” pensei. Mas, incrível, eles ficaram como queria.

Maurício, como prometeu, voltou.

—Oi Patrícia!

—Maurício, —disse entusiasmada — meus cabelos ficaram como eu quis. Parece que obedecem à minha vontade.

—Será assim, você quer, sua vontade se concretiza. Terá, sem trabalho, seus cabelos como você gosta.

Como me alimentava, tinha as necessidades fisiológicas e para isto usava o vaso sanitário. Não tive mais menstruação, isto é fator do corpo de carne. Mas soube que algumas mulheres ainda tinham como reflexo do corpo. *(Mulheres que vagam, nos Umbrais, têm mais o reflexo do corpo. Muitas se iludem e se julgam encarnadas e vivem como tal, com todas as necessidades do corpo.)*

Aos poucos, fui dormindo menos, acordava com fome, tinha sede. Alimentava-me de frutas, pães e caldos ou sopas de legumes. Gostei muito de todos os alimentos, tudo muito saboroso e energético. A água cristalina é a maior fonte de energia. Vovó recomendou que, todas às vezes que tomasse água, pensasse que estava me alimentando. Tomava todos os dias meus gostos, os banhos e trocava de roupa. Encarnada, trocava de roupa, que era lavada e passada. Vovó levava as roupas que trocava, trazia-as depois limpas e as colocava no armário. Tempos depois, vovó me explicou que levava minhas roupas e, com sua força mental, as limpava deixando como gostava de usá-las. Quando aprendi a higienizar meu corpo pela vontade, aprendi também a limpar minhas roupas.

Estava calma e tranquila. Também, com tanto carinho, quem não ficaria?

IV AS VISITAS

Abri a janela, que surpresa agradável! A vista dava para o pátio rodeado de árvores e flores. Pássaros coloridos cantavam alegres nos galhos das árvores e algumas borboletas de rara beleza voavam distraídas. Mas me encantei foi com o céu, era dia. À tarde, o firmamento é de um azul maravilhoso como nunca tinha visto. Distraí-me tanto que fiquei tempo olhando tudo extasiada com tanta beleza.

—Patrícia — Maurício me chamou baixinho.

—Oi, Maurício!

—Chamei-a baixinho temendo assustá-la.

—Maurício, estou encantada com tanta beleza. Nunca vi o céu tão lindo!

—É o mesmo dos encarnados. Vê agora diferente e acha mais bonito, porque sua percepção visual é muito maior.

—A Colônia São Sebastião é do tamanho do Nosso Lar? (*Nosso Lar é a Colônia Espiritual que o autor André Luiz descreve com muito encanto no livro Nosso Lar, psicografado por Francisco Cândido Xavier.*)

—Não, a nossa Colônia é pequena. Há Colônias pequenas, médias e grandes como Nosso Lar. São muitas Colônias espalhadas pelo Brasil e pelo mundo. São como as cidades de encarnados. Elas também diferenciam na sua administração, mas procuram ter todos os ministérios, ou seja, órgãos para melhor administrá-las. Para que entenda, são como secretarias nas cidades de encarnados. Todas as Colônias são muito bem organizadas e todas oferecem atrativos maravilhosos para os que estão aptos a ver e a sentir. Tendo autorização para sair do quarto, vovó levou-me para passear naquela parte ou ala do Hospital onde estava localizado meu quarto. Andava observando tudo, desde os corredores, os outros quartos e foi agradabilíssimo ir ao pátio. Sentamos num banco, olhava tudo curiosa. As árvores são saudáveis, de um verde bonito, as folhas harmonizam com o conjunto. Os pássaros não nos temem, vêm até nós quando chamados.

—Vovó, veja este, que lindo! É azul! Aqui tudo é mais bonito, o sol, a lua, as estrelas!

—O nosso estado de espírito influi, levando-nos a ver tudo mais bonito. Os animais, aqui, são amados, protegidos, são amigos. Temos nas Colônias animais domésticos e muitos outros que ajudam os socorristas. No Educandário, há muitos animais que encantam as crianças. No bosque há várias espécies, todas dóceis e amigas.

Gostei muito das flores, há pela Colônia muitas trepadeiras floridas de muitas variedades.

Recebi muitas visitas, eram amigos, parentes e trabalhadores desencarnados do Centro Espírita do qual fiz parte. Eram visitas rápidas e agradáveis, todos procuravam me agradar. Traziam presentes: frutas, livros, flores, bônus-horas para que pudesse logo que possível ir ao teatro, palestras e em outros lugares de lazer. Foi agradável conhecer, Antônio, Alexandre, Artur e tantos amigos, companheiros desencarnados, trabalhadores do nosso Centro Espírita. (*Amamos, minha família e eu, o Centro Espírita que eu frequentava e eles frequentam. E carinhosamente chamamos a este local de “nosso”.*)

Artur me trouxe um mapa da Colônia. Em quase todas as Colônias, há estes livretos, que mostram como elas são e onde estão localizados seus prédios. Só não vi estes mapas nos Postos de Socorro, por não haver necessidade, pois são pequenos. Fiz uma lista de lugares aos quais queria ir e do que gostaria de fazer. A lista ficou enorme.

Conforme ia conversando com os amigos que comentavam as belezas dos lugares, ia marcando no meu caderninho. Queria conhecer principalmente os locais de estudo.

—Vovó — indaguei —, e meus avós, ainda não os vi?

—Estão encarnados, é a lei da vida, ora aqui, ora lá...

Estava gostando realmente de estar desencarnada.

Numa tarde, estava só, recebi outra visita.

—Boa tarde!

Entrou no quarto, ofertando-me um presente, um novo amigo trajado de branco. Sorrindo me estendeu a mão apresentando-se.

—Sou Antônio Carlos!

—Que prazer! Como vai tia Vera?

—Todos vão bem. E você?

A agradável conversa durou alguns minutos. Após, ele se despediu, prometendo voltar novamente.

Abri o presente: dentro de uma caixa de plástico duro e transparente estavam “algumas coisas”. Nunca tinha visto. Sem saber o que era, fiquei a pensar: são doces? Bombons? Tinham formato de pequenos botões azuis, mais escuros no centro clareando nas pontas, com uns pequenos cabinhos. Abri a caixa. Examinei-os, o cheiro era agradável. Experimentei, gostei e comi.

Logo após, Maurício veio me ver.

—Então, Patrícia, gostou das flores que Antônio Carlos lhe deu?

—Flores?! — respondi fazendo careta. —Eram flores?

—Sim, de uma espécie de rara beleza, magnetizadas para não secar. Que fez com elas?

—Comi...

—Comeu?!

Maurício deu uma boa gargalhada. Ao me ver sem “graça”, ficou sério. Pensei: E agora? Me farão mal?

—Não — respondeu meu amigo adivinhando meus pensamentos. —As flores não lhe farão mal. Imagina que Antônio Carlos ficou tempo a pensar o que ia lhe trazer, a colher as flores em Plano Superior e a magnetizá-las. Elas não lhe farão mal, só que não era para comê-las. Mas, me diga, são gostosas?

—São! Nunca vi flores azuis daquele modo, pensei que fossem doces confeitados.

Comecei a rir, rimos. Sempre fui distraída. Lembrei de Carla, minha irmã, ela estava sempre a me chamar atenção sobre minha distração. Se ali estivesse iria dizer com certeza “Esta Patrícia!”

—Maurício, estou bem e quero ser útil, acho que para evitar “estas ratas” necessito aprender.

—Calma, menina, acaba de desencarnar, tudo tem seu tempo. O recém-nato de hoje será o homem de amanhã. Irá sair deste quarto e irá morar por enquanto com sua avó. Ela estará de licença do trabalho e ficará com você, lhe mostrará a Colônia, seus jardins e flores. Depois, aprenderá e será útil como quer.

Vovó, logo após a visita de Maurício, veio me ver toda contente.

—Patrícia, amanhã cedo virei buscá-la para morar temporariamente comigo. Moro na parte residencial da Colônia, numa casa muito bonita com cinco amigas. Todas muito simpáticas. A casa é grande, cada uma de nós tem um quarto privativo. Este quarto é mais um local onde guardamos nossos pertences, um cantinho particular. Terá um só para

—Você. É como este: quarto e banheiro. Levaremos suas roupas. Poderei ficar com você e a levarei para passear.

—Vovó, a senhora gosta daqui?

—Muito.

—Irá deixar seu trabalho para ficar comigo?

—Não de todo. Trabalharei enquanto você dorme, serão algumas horas a menos.

Mas será por pouco tempo.

—Vovó, que faz?

—Trabalho no hospital, em outra parte, onde estão os realmente enfermos do espírito.

—Obrigada! Todos são tão carinhosos comigo.

Vovó sorriu despedindo-se. Ao ficar sozinha, papai veio à minha mente: “Minha filha, não se aflija por nenhum motivo. Não tema o desconhecido. Deus está em toda parte, sinta-o. Aceite com alegria o que lhe está sendo ofertado. O tempo passa rápido, logo terá no Plano Espiritual seu lar, seu verdadeiro lar.”

Peguei um livro que Maurício me presenteara para ler. Estava quase no final.

Lembrei-me que, quando desencarnei, estava lendo um romance Espírita.

Parecia que minha vida não mudara em nada, ou mudaria?

V MUDANÇA

No outro dia, de manhãzinha, vovó veio me buscar, acabou ajudando-me. Colocamos meus pertences numa sacola de lona.

—Agora vamos, Patrícia. Iremos devagar, assim irá conhecendo a Colônia.

—Não vou me despedir de ninguém? Agradecer?

—Os amigos que cuidaram de você continuarão a vê-la. Maurício continuará ajudando-a. Não necessita nem se despedir nem agradecer. Você irá gostar de minhas amigas, todas trabalham, vêm em casa somente algumas horas por dia. Estão nos esperando em casa para lhe dar as boas-vindas. A nossa casa é também sua e quero que se sinta à vontade. Ficará conosco até que inicie o curso que irá fazer. Neste curso, aprenderá como é ser e viver desencarnado.

Vovó me puxou pela mão, falava me animando. Olhei pela última vez o quarto e saímos. As palavras de papai soaram forte dentro de mim: “Coragem, não entristeça, receba o que lhe oferecem com alegria.”

Passamos por outro corredor e fomos à recepção. Fiquei encantada com um bonito quadro pintado a óleo, que enfeitava uma de suas paredes. O artista retratou Jesus ensinando, procurou descrever a formosa cena do Sermão da Montanha. Vovó, pacientemente, por minutos, esperou que contemplasse o quadro. Saímos do prédio. O hospital tem várias entradas, ele é todo rodeado por um bem cuidado jardim, com árvores frondosas e flores encantadoras.

Chegamos à rua. As ruas são largas, arborizadas e limpas. Observei o céu, lindo de um tom de azul que não tenho palavras para comparar aos encarnados. Dei um longo suspiro. Senti-me livre e pensei: se pudesse, voaria; a sensação de liberdade é muito forte.

—Vovó, não posso ir voando? Parece que posso sair e voar.

—Poderá voar quando aprender a voitar. Você encarnada se desprendia do corpo, quando este dormia, e volitava. Você sabe, irá recordar. Ensiná-la-ei outro dia.

Por algumas vezes, puxei o ar com força. É delicioso respirar o ar puro, perfumado e leve.

—Vovó, não é estranho estar respirando? Como a senhora disse, logo estarei volitando, voando, mas ao mesmo tempo respiro, sinto meu coração bater.

—Não é tão estranho assim. Acredito, Patrícia, que você sabe muito mais do que eu. Quando encarnada não tive estudos, entendia pouquíssimo do Plano Espiritual. Agora, aqui, tenho estudado, aprendo com alegria. Você sabe que nós desencarnadas, estamos revestidas pelo perispírito. *(A substância do perispírito não é a mesma em todos os globos; é mais eterizada em uns do que em outros. Ao passar de um para outro mundo, o Espírito se reveste da matéria própria de cada um, com mais rapidez que o relâmpago. O Livro dos Espíritos, Allan Kardec.)* Nosso espírito ainda veste esta roupagem que é constituída de corpúsculos fluídicos de consistência variável. A impressão do corpo é forte.

—Quero aprender tudo que puder!

Encontramos com muitas pessoas, cumprimentavam-nos alegremente. Entendi que a maioria transitava para o trabalho.

Paramos várias vezes para que contemplasse ora os pássaros, ora flores. Pelas ruas e jardins existem muitas árvores frutíferas. São de muitas espécies. Algumas conhecia, outras só de nome, são árvores oriundas da Região Norte, Nordeste e de outros países.

Nas Colônias seus hóspedes e moradores aprendem a respeitar a natureza, ninguém estraga nada. As plantas são bem cuidadas e seus frutos são colhidos no tempo certo. Até hoje, gosto de ver estas árvores, conheci todas as espécies existentes na Colônia e experimentei de seus frutos. São muito saborosos.

Paramos numa praça de forma arredondada, com lindos canteiros floridos e bancos confortáveis. Sentamos e fiquei muito tempo olhando com admiração para um chafariz com formato de uma rosa, ladeada por lindos peixes que soltam água pela boca. A rosa e os peixes parecem ser de plástico duro fosforescente. Coloridos, as cores combinam harmoniosamente. Em toda a praça vibra uma música suave.

Vovó, vendo-me a observar as pedras do chafariz, disse contente:

—Ontem, ouvi uma linda palestra e, agora, vendo-a olhar as pedras, recordei-a.

—Vovó, me fale desta palestra, o que de interessante ouviu?

—Tentarei lhe explicar com minhas palavras o que achei de mais interessante, o que esse sábio orador expôs, nos presenteando na noite de ontem. Jesus, nas suas célebres parábolas, nos fala das várias situações e circunstâncias que o ser humano passa durante o seu período evolutivo, na sua permanência no orbe terrestre. Falando de rochas nos vem à lembrança seu ensinamento que diz ser sábio o homem que construiu a casa sobre a rocha. O vendaval, a tempestade da mente e a dos sentidos atingem a todos os homens indistintamente, maus e bons. Estas circunstâncias atingem a toda a humanidade. Jesus sempre usou símbolos físicos para colocar neles um grande significado espiritual. A rocha é o símbolo de firmeza e da imutabilidade, pois podemos quebrá-la, fragmentá-la, mesmo assim sua natureza foi e será sempre rocha. Assim é o homem consciente de que não é apenas uma personalidade passageira. Sabe que sobrevive à vida do corpo mortal, suporta, ou melhor dizendo, tira proveito dos vendavais dos interesses temporais e das tempestades dos desejos de satisfação material para solidificar mais ainda a sua união com Deus. O espírito precisa de um corpo para existir e este corpo é como, nos dizeres de Jesus, a sua casa. É sua função ir transformando-a até sua espiritualização. Nesta posição seu corpo não lhe será um peso, nem fonte de seus conflitos. Pois, se espiritualizando, seu objetivo será amar e servir a Deus.

—Que bonito! Vou gostar de ir às palestras.

—Vamos, Patrícia — vovó me convidou a continuar.

Levantei e a segui. Voltaria ali com certeza, porque num lugar tão belo e agradável poderia ficar o dia todo contemplando.

Embora encantada com tudo o que via, sentia ser a Colônia um lugar querido e conhecido. Retornara ao lar eterno, o verdadeiro.

—Patrícia, ali está o Teatro; logo a trarei para que conheça. É o Salão de Conferências.

—Salão de Conferências ou Teatro?

—Logo entenderá que aqui ouvirá termos diferentes para designar um local. Termos divergem aqui e de uma Colônia para outra, como de região para região. Por exemplo: salas ou quartos de banho para banheiro. Departamentos e Ministérios. São muitos os termos, é só prestar atenção.

Vovó foi conversando, dizendo como era a casa, os nomes das amigas, etc.

Passamos por uma avenida toda arborizada, com casas dos dois lados. As casas, todas com jardins e muitas flores.

—Vovó, não é tempo de plantas florirem assim. Aqui sempre há flores?

—Temos as flores a enfeitar e a nos alegrar em todas as épocas do ano. Cuidamos das plantas com carinho. Os moradores cuidam das de suas casas. Aqui elas duram mais, são alimentadas pela mente de quem plantou.

Ela sorriu me animando. Paramos. A minha frente estava uma casa muito bonita, circundada por um pequeno jardim, com muitas flores a bailar com a brisa suave. Sorri, amei aquela casa.

—Entremos — vovó disse pegando minha mão.

Atravessamos o jardim e uma pequena área coberta. Vovó abriu a porta de vidro. Na sala de visitas, estavam as moradoras. Reunidas esperavam-nos para me dar as boas-vindas. Sorrindo, foram dizendo seus nomes.

—Oi, Patrícia, sintá-se à vontade.

—Seja bem vinda, menina, queira Deus que a tenhamos por muito tempo.

Vovó não exagerou, suas amigas eram agradáveis e simpáticas. Observei a sala: era grande, mobiliada com bom gosto, sem exagero, os móveis parecidos com os que usam os encarnados. Sofás, poltronas, cadeiras, mesas, vasos de flores, quadros de bom gosto enfeitavam as paredes de cor clara. Vendo-me meio vexada. Vovó Amaziles veio em meu auxílio:

—Patrícia, você necessita descansar. Venha conhecer a casa e seu quarto.

A sala enorme dava para uma outra com uma mesa e várias cadeiras. Nesta segunda sala, uma porta dava para uma área e outra, para um corredor que leva aos quartos.

Achei muito bonitos os lustres. Diferentes e práticos. Nas Colônias, Postos de Socorro, quando é dia na Terra para os encarnados é também aqui. À noite vemos estrelas, lua, é também escuro. A Colônia, à noite, é iluminada por luz artificial, a energia usada é solar e de outra fonte que os encarnados nem imaginam ainda. As ruas, avenidas, praças são bem iluminadas, não são usados postes como para os encarnados. É como se a Colônia fosse uma sala e uma só lâmpada a clareasse. Os prédios têm lustres para cada cômodo, como nas residências. A claridade é controlada para forte, média e pouca claridade. As pessoas a controlam conforme suas necessidades. As noites nas Colônias são de rara beleza. A primeira vez que vi a Colônia iluminada, passei horas a contemplá-la. As árvores, as flores, tudo parece quietar e adormecer. Não há cantos escuros.

—Aqui está seu quarto! — disse vovó.

Ela abriu a terceira porta do corredor e ali estava meu quarto. Achei lindo. Arejado, grande, com um lustre belo e delicado em formato de botão de rosa. Tinha uma cama, armário, uma mesa-escrivãzinha, duas poltronas e uma porta que dava para um banheiro. A decoração era toda cor-de-rosa bem clarinho. Meus olhos fixaram-se na janela. Encantei-me com a maravilhosa surpresa.

A janela estava aberta dando a visão bonita da parte direita do jardim. A janela tem um delicado beiral de madeira clara e nela estavam vários vasos de violetas. Vasos floridos, com violetas coloridas e lindas.

VI VIOLETAS NA JANELA

Lembranças vieram-me à mente. Recordei dos vasos de violetas de minha mãe, que enfeitavam os vitrôs de nossa cozinha. Pareciam as mesmas.

—E são! — disse vovó — Anézia plasma com muito amor as violetas para você. São réplicas das que enfeitam a cozinha do seu lar terreno.

—Vovó, como isto é possível? — indaguei admirada.

—Sua mãe muito lhe ama e tem muita saudade. Saudade esta que é um amor não satisfeito pela ausência do ser amado. Ela emana continuamente este amor e saudade por você. Ela não desejava ou esperava sua vinda. Está se esforçando para não prejudicá-la, assim ela canaliza seu carinho e oferta as flores a você. É uma maneira que ela encontrou para demonstrar seu amor. É uma oferta contínua. Com nossa pequena ajuda, de seus amigos aqui, estes fluidos foram e são condensados e aí estão: maravilhosas violetas.

—Vovó, por que a senhora diz meu lar terreno?

—Podemos ter muitas moradas. Você é amada. Cada coração que nos ama é como um lar a nos confortar. Poderia dizer ex-lar. Mas, par todos, ele será sempre seu. Não é a casa terrena na sua moradia física, mas um lar cheio de amor, onde é lembrada com alegria, é filha, irmã, tia e amiga e não a que foi.

Aproximei-me das violetas, sua emanção fortaleceu-me. Vieram com um recado: “Patrícia, quero-a feliz! Amamo-la, amo-a! Não desanime, viva com alegria. Que estas violetas enfeitem onde você está, onde irá passar a maior parte do tempo”.

Aquelas florezinhas delicadas, coloridas, saudavam-me.

Vovó me deixou sozinha.

Mamãe gosta muito de flores, cuida delas com carinho. Não poderia ter recebido melhor presente. Por alguns minutos fiquei a recordar acontecimentos, histórias dos vasos, dela plantando e regando as flores. De sua risada alegre, de seu carinho especial.

Senti-me fortalecer. Sorri contente. O amor forte e sincero de minha mãe acompanhava-me protegendo como sempre, dando-me coragem e alegria. Amor de mãe é como um farol a iluminar seus entes queridos e a perfumar suas existências. As violetas encantavam-me, não só enfeitariam a janela do meu quarto, mas a janela do mundo novo que defrontava a minha frente.

Violetas na janela...

VII TEATRO

Meu novo lar era muito agradável, gostei demais. Fiquei como filha e neta das senhoras amigas da vovó. Agradavam-me oferecendo mimos, distraíam-me com conversas interessantes. Procurei ler bastante e dei longos passeios pela Colônia. Pelo que lera quando encarnada, imaginava as Colônias, lugares maravilhosos, mas vê-las ao “vivo” é muito mais emocionante. Às vezes, extasiava-me com tanta beleza. Só não tinha ainda ido conhecer a outra parte do hospital, onde estão os doentes mais necessitados.

Comparo a Colônia São Sebastião com uma cidade de porte médio, sem os excessos de luxo ou de pobreza. As casas são do mesmo nível, diferenciando de tamanho, todas têm jardins e muitas flores. Tudo muito organizado, seus administradores visam somente ao bem comum.

As visitas continuaram, de parentes, pessoas que foram beneficiadas por meu pai, pelo nosso grupo Espírita. Recebi muitas orações, vinham até mim como recados, recebi orações de pessoas que nem conheci. Retribuí cada prece a mim dirigida, orava agradecendo o carinho com que me vi cercada.

Artur, companheiro desencarnado de meu pai, vinha sempre visitar-me, é alegre, me respondeu quando o agradei.

—Louvado seja o Pai, que nos permite fazer o Bem pelo muito que recebemos.

Artur me presenteou com uma espécie de televisão, ele instalou-a no meu quarto. Este aparelho tem outro nome científico aqui, mas como conhecemos a televisão e como é relativamente parecido com ela, chamamo-lo assim. É um aparelho mais leve e bem mais equipado. Ligou-o e sintonizou-o em minha casa. Pude ver todos meus familiares. Todos estavam bem, mas achei minha mãe abatida e triste. Tinha permissão de vê-los por alguns minutos por dia.

—Todos aqui podem ver seus familiares? — indaguei a Artur.

—Infelizmente não, e por vários motivos. Nem todos têm o equilíbrio para ver sua família. Nem todos merecem este presente.

Vê-los foi grato ao meu coração. Amenizava a saudade.

Em todas as residências há um aparelho como este, só que não está sintonizado nos encarnados. Na casa da vovó, está na sala. Transmite o noticiário da Colônia, Postos de Socorro, Umbral e de outras Colônias, do Brasil e do mundo. Notícias do Plano Espiritual e as mais importantes do Plano Físico, mas sem sensacionalismo e mentiras. Transmite orações belíssimas de convidados de esferas superiores, peças teatrais, palestras e as apresentações dos corais.

É muito agradável, na casa de vovó, todos gostam de assistir à programação que a Colônia oferece.

Vovó me apresentou Frederico. Disse que era um amigo. Veio nos visitar, presenteou-me com um lindo ramalhete de rosas coloridas.

—Oi, Patrícia — Frederico disse gentilmente — conheço-a há muito tempo. Espero que se sinta cada vez melhor entre nós.

Achei-o bonito, seu aspecto é jovem, louro de olhos azuis-esverdeados. Senti que o conhecia. Foi aquela sensação de “conheço e não sei de onde”. Senti-me à vontade ao seu lado, conversamos por horas. Convidou-me para ir ao teatro. Vendo-me indecisa, recomendou:

—Patrícia, pergunte à sua avó se pode ir.

Nem precisou. Vovó aplaudiu a idéia. Combinamos o horário, Frederico viria me buscar, ainda não sabia bem como ir a certos lugares aqui.

Quando ele saiu, vovó me disse:

—Patrícia, aqui estão os que se afinam com este lugar. Não precisa temer ninguém e nem desconfiar como por prudência fazia quando encarnada. Por isso que este lugar, as Colônias são tranquilas e ordenadas.

—Isto é bom demais! Não precisa desconfiar, não ter medo de outro ser humano.

Fiquei ansiosa, esperando o horário para ir ao teatro. Sentia alegria em conhecer tudo. Teatro aqui é só cultura, como tudo na Colônia é feito, realizado para o bem de todos.

Frederico pagou para mim. O lado externo do prédio do teatro é muito bonito. Grande, bem planejado, com colunas grandes na frente e o telhado em V. Tem três grandes portas na frente, portas de um material parecido com a madeira trabalhada em relevo. É pintado de branco, em toda sua volta há plantas e flores muito bonitas. Entre as colunas e as portas há uma área de uns quatro metros e, para chegar a esta área, cinco degraus. No interior, é mais bonito ainda. A sala de espetáculo é enorme, poltronas confortáveis, paredes claras com lindos quadros enfeitando. O palco é parecido com as salas de espetáculo dos encarnados. Gostei demais. Tempos depois, ao conhecer outras Colônias, vi outros teatros, com salas bem diferentes. No plano Espiritual, as Colônias têm suas variedades. Assistimos a uma apresentação de uma peça adaptada de um romance Espírita, *Renúncia*, de Emmanuel, que encarnada li, psicografado por Francisco Cândido Xavier.

—Patrícia, muitos encarnados têm permissão de em certas ocasiões vir, desligados pelo sono, ver peças teatrais que grupos desencarnados fazem no Plano Espiritual. Artistas encarnados já fazem peças com tema Espírita. Esta peça que vimos, uma mais ou menos parecida, logo estará alegrando encarnados. E, como esta, muitas outras peças com tema Espírita surgirão para instruir divertindo os encarnados. E farão muito sucesso. *(Realmente, estas peças teatrais são sucesso entre os encarnados.)*

Voltei muitas vezes ao teatro, no começo amigos me levaram e ofertavam com seus bônus-horas meu ingresso. Depois, quando comecei a trabalhar, era com orgulho que adquiria o meu ingresso. Gosto muito quando grupos de jovens apresentam suas peças teatrais. As crianças também gostam desta atividade e se apresentam muitíssimo bem.

O teatro só dá livre acesso em certas ocasiões ou para algumas palestras. Do contrário, temos que ter bônus-horas para desfrutar deste prazer.

No teatro, há muitos concertos musicais, cantos de corais e individuais. Algumas das músicas apresentadas são conhecidas dos encarnados, as que são bonitas, que falam de assunto agradável e bom. Outras músicas são desconhecidas dos encarnados, mas conhecidas dos moradores da Colônia.

O teatro, ou, como vovó disse que aqui o chamam, Sala de Apresentação, ou de Conferências, é usado também para algumas palestras sobre temas que interessam a pequenos grupos. Quando a palestra é de interesse de todos é realizada nas praças.

Para sabermos quais as atividades que serão apresentadas no teatro, há um quadro na frente com a programação da semana e do mês. Também podemos encontrar em vários pontos da Colônia listas com estas atividades.

O teatro é muito frequentado e todos os seus frequentadores cuidam dele como se fosse seu lar.

Gosto tanto da Colônia que fico admirada ao saber que existe quem não goste daqui. Comentei este fato com Frederico.

—Frederico, como pode haver pessoas que não gostem daqui?

—Gosto e afinidades diferem muito, tanto a encarnados como a desencarnados. Pessoas não mudam o gosto só porque desencarnaram. Observe que encarnados, uns gostam de bar, prostíbulos, outros de templos religiosos, lugares de estudos. Outros de perigo, lugares barulhentos, outros de Paz, da natureza. Muitos encarnados ficam indiferentes a uma bela obra de arte, a uma delicada música, a um canteiro de flores enquanto outros amam o que é simples, o que faz bem ao espírito. Muitas pessoas pensam que o desencarne lhe será maravilhoso porque, na opinião delas, não fizeram o mal, mas também não fizeram o Bem. E nem se afinam ou vibram com o que tem a Colônia para oferecer. Tenho conhecimento de pessoas boas que desencarnam e vêm à Colônia, visitam tudo, acham lindo, mas não querem ficar, preferem estar encarnados. Escutei de um senhor que estava maravilhado com a Colônia, era como tivesse feito uma viagem a um lugar encantador, viu e queria voltar. Aqui não era, na opinião dele, para morar.

—E aí?

—Teve que entender que desencarnou e não podia voltar. Aconselhado a se acostumar, entristeceu, mas acabou por se adaptar. Outros não gostam mesmo, aqui não fumam, não bebem álcool ou comem carnes. Estão aqui para aprender a servir e muitos só querem ser servidos. Nem todos acham aqui um local divino como você e eu. Mesmo muitos dos seus moradores não têm o mesmo gosto. Uns se encantam com sua arquitetura, outros com os locais de estudo, outros se maravilham com as plantas, etc.

—E você, meu amigo, do que mais gosta?

—Em todas as Colônias que visito são os hospitais que me chamam atenção. Fui médico na minha última encarnação. Amo a medicina. Estou sempre trabalhando nesta área.

—Ainda não sei do que gosto mais. Acho tudo tão lindo! Tenho vontade de trabalhar, mas ainda nem sei em quê.

—Sabe, Patrícia, enquanto não há a cosmificação (*É a autorealização do indivíduo em Deus ou no Cosmo.*) do espírito, a personalidade necessita preencher o seu vazio com atividades. Os bons construindo, aliviando, crescendo e evoluindo, os avessos à unidade, destruindo, se envolvendo em prazeres e sensações negativas, esbanjando o que pertence à natureza.

Que pena ver irmãos enganados na ilusão da matéria, cegos para as verdades espirituais e tão longe de merecer viver desencarnados num lugar maravilhoso como este!

VIII CONHECENDO A COLÔNIA

Frederico me levou para andar de aeróbus. São conduções coletivas usadas no Plano Espiritual. Em quase todas as Colônias há aeróbus de três tamanhos, o grande, o médio e o pequeno. Como não tenho com o que comparar este meio espetacular de transporte, poderia dizer que é um ônibus com mistura de avião, sem barulho, sem poluir, confortável e muito limpo. Não tem asas. Tem os lugares certos onde param, descem e sobem passageiros. Há os aeróbus que transitam só pela Colônia e outros que vão de uma Colônia a outra e da Colônia à Terra. Aeróbus não transitam pelo Umbral. Só em raras exceções, mas vão a Postos de Socorro localizados no Umbral. É muito confortável, não dá solavancos, desliza suavemente rente ao chão, ou metros acima dele. Nas viagens maiores, como a vinda à Terra, desliza pelo ar. Os passageiros sentam-se em confortáveis poltronas. Os que transitam pela Colônia não têm condutor, nos lugares que param há um pequeno marco onde há um painel com um botão. Aperta-se o botão marcando para onde se quer ir, o primeiro aeróbus que passar, com destino ao lugar marcado, pára. Os aeróbus que transitam fora da Colônia têm um condutor que além de conduzir ajuda no trabalho que se irá realizar.

A Colônia vista do alto é muito bonita. Planejada, suas ruas e avenidas têm traçado perfeito. Os prédios são harmoniosos e todos ocupados servindo à comunidade. Gostei muito do passeio.

A Colônia São Sebastião fica no espaço Espiritual acima da Cidade em que vivi encarnada.

Estranhando a Colônia ter um nome de santo, perguntei ao Frederico:

—Frederico, por que a Colônia se chama São Sebastião?

—Patrícia, são inúmeras colônias pelo Brasil e pela Terra. São como cidades, têm que ter um nome para facilitar. Nomes não importa, são designações. Ao ser projetada há tempo, seus benfeitores a chamaram provisoriamente de São Sebastião para não dizer Paraíso, que poderia ser confundida com paraíso-céu. Pronta, continuou sendo São Sebastião. “São” é título dado ao bravo guerreiro Sebastião. Esperam os benfeitores que todos os moradores da Colônia venham a ser bravos guerreiros e vencedores dos seus defeitos e vícios.

Recebi de presente alguns bônus-horas e todas as distrações e lazer amigos pagavam para mim. Achei um tanto estranho, parecia pagamento por ser útil, um trabalho remunerado. Um dia, ao voltarmos do teatro, me acompanhavam Maurício e Antônio. Indaguei-os:

—Que é realmente bônus-hora?

—Patrícia, — Maurício elucidou-me —a maioria dos homens trabalham por estímulo, para usufruir de um prazer ou sensação. A maioria não concebe ainda a humanidade como uma só família. Com a perda do corpo físico pelo desencarne e para que não percam o estímulo de trabalhar, é necessário que continuem recebendo estímulo do prêmio do seu trabalho. Isto mais tarde os levará a fazê-lo por uma causa maior, por amor. Espíritos superiores vêem as Colônias como lugares de transição e o bônus-hora como período de evolução. Esta é a razão pela qual os estagiários das Colônias recebem o seu salário bônus-hora.

—E quem trabalha muito e por muito tempo como os governantes, os instrutores das Colônias, também recebe?

Maurício continuou a elucidar:

—Os instrutores não mais necessitam de prêmio por ser bons. Mas por amor à família humana permanecem nas Colônias no meio dos aspirantes, para não menosprezá-los, para não se destacar, para não parecer serem melhores que os companheiros, usam os bônus para se igualar ao nível dos moradores que ainda estão dentro do prêmio e castigo. Todos utilizam os bônus-hora, para não haver grupos de protegidos e desprezados. Os que muito trabalham e que poderiam receber muito solicitam somente os que lhe são necessários.

Entendi que meus acompanhantes não serviam, não trabalhavam para ter bônus-hora, utilizavam-se deles somente quando necessário. Os dois muito trabalhavam e por amor. Curiosa, indaguei-os novamente:

—Há nas Colônias os que não trabalham e não têm direito ao bônus, ao lazer?

—Há — respondeu Antônio, prazerosamente —, mas o estágio nas Colônias para estes espíritos não é longo, e nem pode ser, porque ociosos não afinam com suas vibrações. Eles, fatalmente, na primeira oportunidade reencarnam em meio aos espíritos ociosos onde irão sentir falta do conforto que tiveram e não valorizaram.

Um lugar que visito com frequência e gosto realmente são as bibliotecas. Elas diferem de tamanho, dependendo da Colônia. São maiores e mais completas nas Colônias de Estudo. Também há bibliotecas nos Postos de Socorro, só que menores.

A Biblioteca da Colônia em que estagiei é muito bonita. Livros são separados por estantes, tudo com muita ordem. Fiquei maravilhada por não encontrar livros velhos. Os livros estão sempre novos porque, como todas as visualizações ou materializações do plano espiritual ou astral são de energia psíquica, não envelhecem. Há livros escritos somente para desencarnados, que só são encontrados no Plano Espiritual. São inúmeros livros de estudo, pesquisas, livros religiosos e em destaque os livros Espíritas. Grande parte dos livros os encarnados também dispõem para ler, principalmente os livros Espíritas.

Procurei um livro e não encontrei, o bibliotecário gentilmente me disse:

—Patrícia, a Colônia de Estudo tem este livro, quer que peça para você?

—Quero, quando volto para apanhá-lo?

—Ora, espere uns minutos que estará aqui.

Por um aparelho parecido com o moderno fax, fez o pedido, dez minutos depois, pelo mesmo aparelho, recebeu o livro que queria.

—Puxa! — exclamei admirada.

—Não é uma maravilha? — falou entusiasmado o trabalhador da Biblioteca. Dispomos de muitos recursos, recebemos o livro pela desintegração e aglutinação. Não duvido que, daqui a alguns anos, os encarnados possam dispor desta comodidade.

Legais são os livros que podemos colocar na televisão, o escrito aparece na tela e vamos lendo página por página, graças a um pequeno aparelho adaptado à tela. Não posso compará-lo ao vídeo cassete, é diferente. É agradável ler pela televisão.

Próximas à Biblioteca estão as salas de vídeo, também chamadas de Salas de Estudos Computadorizados ou Salas das TVs e podem ser ainda conhecidas por outros nomes. *(Não é fácil descrever estas salas para os encarnados, narro fazendo comparações.)*

É um galpão enorme repartido em salas, conforme o assunto a ser ventilado. São lugares confortáveis e agradáveis. Há em cada uma das salas vários e eficientes computadores que podem ser ligados por controle remoto. Na frente de cada aparelho há dez poltronas muito bonitas e confortáveis. As telas variam de tamanho. Se queremos ver

ou estudar um assunto individualmente, regulamos a tela ao tamanho pequeno, fica como uma televisão de vinte polegadas. Se é para um grupo, regulamos para o tamanho médio. Se é para muitas pessoas, para o tamanho grande, variando de dois a cinco metros. As salas não são tão altas assim, têm somente três metros e meio. Estes aparelhos podem ser locomovidos, se for necessário para a projeção maior.

São várias salas com os assuntos marcados na porta de entrada. Os temas para estudo são sobre as Colônias, Perispiritismo, Química, Física, Terra, Planetas, etc. Uma sala interessante é a das religiões e da Bíblia.

Ao irmos a uma destas salas, escolhemos um assunto para pesquisar. Exemplo: o olho humano; podemos escolher a programação: fácil, explicativa ou completa. Ao escolher a fácil, aparecem na tela resumidas as explicações básicas sobre o olho. É narrado com algumas partes escritas, o olho é desenhado em todos os seus ângulos. Se a pesquisa é individual, coloca-se o fone de ouvido para não atrapalhar os outros pesquisadores. Se escolher a explicativa, a pesquisa aparece com muito mais dados. A terceira fase, a completa, a difícil, é assunto para profissionais. Tudo é muito esclarecedor. E, se por algum motivo não se entendeu a pesquisa, encontramos sempre nestas salas estudiosos, mestres que têm o prazer de orientar e ensinar.

Há a sala para distração que tem desenhos animados, bons filmes, alguns que encarnados vêm, outros feitos por desencarnados, são de histórias bonitas que instruem e divertem. Há a sala de jogos eletrônicos, são para lazer. Os orientadores destas salas procuram esclarecer os frequentadores da Sala de Jogos, porque estes jogos são para educar e distrair e não para levar a excessos. Os vícios são todos combatidos.

Comparando, podemos dizer que estas salas são uma mistura de cinema-televisão-computadores aperfeiçoados.

Só não usamos do bônus-hora para entrar nestas salas quando vamos em pesquisas da escola ou de curso de estudo. Este é bem frequentado pelos estudantes.

Quase todas as Colônias têm estas salas, não as vi em Postos de Socorro. Em Colônias de Estudo são bem grandes e são inúmeros seus assuntos.

Gostei e gosto muito de ir pesquisar nestas salas. Conhecendo encarnada o cinema, a televisão e o computador, encantei-me diante desta tecnologia. Mas o que mais gostei foi usar este processo para ver, conhecer as obras de Allan Kardec. Vemos imagens dele e de sua equipe encarnada e desencarnada trabalhando em cada obra. Allan Kardec estudando, pesquisando, sendo orientado pelos benfeitores que o ajudaram. Ver São Luiz, Santo Agostinho e tantos outros me fascinou. Que espírito fantástico é Allan Kardec! Por muitas vezes fui a estas salas para ver tudo que há sobre ele e suas obras admiráveis. Este é um dos temas mais vistos, principalmente pelos que tiveram a ventura de ser Espírita quando encarnados ou de conhecer sua grandiosa literatura.

Maravilho-me com tudo isto. Afinal quem não gosta ou gostaria de dispor destas facilidades?

IX VOLITAR

Tinha sempre notícias de casa, dos familiares. Continuava recebendo muitas orações, estímulos, votos de alegria e para que me adaptasse logo à vida Espiritual. Amigos escreviam, dando notícias minhas aos meus, pela psicografia, através da tia Vera.

Alegrei-me quando Maurício disse:

—Menina Patrícia, escreva um bilhete à sua mãe que transmitirei a sua tia.

Emocionada fiz o bilhete agradecendo-os pelo carinho, dizendo que estava bem e mandando abraços.

Comecei, então, sempre a escrever e um dos meus amigos transmitia à tia Vera. Estava tranquila, o desencarne para mim não fez grandes diferenças, por nenhum momento senti-me separada dos meus. Entendi que não perdi a individualidade, continuava a mesma, meu amor pela família era o de sempre. Não podemos separar nossa vida, ela é um todo, estar encarnada ou desencarnada são fases. Recebia muito, compreendi também que somos heranças de nós mesmos. A reação é conforme a ação.

—Patrícia, — vovó me chamou — venha à sala, vou lhe dar as primeiras lições de volitação.

Fui depressa. Na sala estavam três das moradoras da casa que me incentivaram.

—É fácil! — falavam elas. —Você sabe, saía do corpo encarnada, enquanto dormia. É só firmar o pensamento e a vontade.

—Volitar — disse vovó como se tivesse decorado — é esvoaçar, volear, locomover-se pelo ar pelo ato da vontade.

Vovó me pegou por um braço e D. Amélia por outro e ensinaram-me a dar o impulso. Tentamos várias vezes até que dei sozinha o impulso e levantei a um metro do chão. É mais fácil dar o impulso na vertical para depois ficar na horizontal. Fiquei parada. De novo recebi ajudas das duas que devagar me empurraram. Incentivaram-me alegres. E, realmente, não foi difícil, logo estava no meio da sala volitando devagar de um lado a outro.

—Até aprender realmente, não se distrais — vovó recomendou. —Volitar é como aprender a andar quando se está encarnada, a pedalar uma bicicleta, ou nadar. Depois que aprende a dominar, faz automaticamente.

Sabia o que era volitar, lera sobre o assunto em diversos livros Espíritas. A sensação que tinha era de voar. Realmente é muito agradável e bom volitar. Sabia também que espíritos desencarnados atravessam paredes, portas, etc.

Dei um forte impulso e rumei para a parede, escutei vovó:

—Não, Patrícia, não!

Bum... Bati a cabeça na parede e caí sentada no chão. Minhas amigas correram e rodearam-me, ninguém riu. Olhei para elas e acabei rindo. Fora um tombo e tanto. Levantei e quis saber.

—Ei, vovó, por que não pude atravessar a parede?

—Patrícia, você só poderá atravessar quando souber. Você leu que desencarnados atravessam paredes, portas, mas de construções de matéria, ou seja, casas de encarnados. Assim mesmo, os que sabem. Os que têm consciência do seu estado desencarnado e aprenderam.

—Só os bons sabem? — indaguei.

—Não, os maus sabem e se utilizam muito deste conhecimento. Saber depende da nossa vontade, do livre-arbítrio e todos podem. Os bons sabem mais porque têm mais quem os ensina e mais interesse em aprender. A construção da Colônia não é como a construção dos encarnados. A Colônia é uma projeção mental. Para que entenda, é feita da matéria sutil como a do nosso perispírito, como este corpo que agora estamos revestidas. Certamente, há os que sabem atravessar esta matéria sutil, tanto os irmãos superiores como os inferiores. Embora nossos irmãos superiores, designo-os assim para que possa entender, quanto mais harmonizados com o Cosmos, maior poder mental têm. Para transpor uma barreira mental é preciso não duvidar do poder de fazê-lo. Já vi um instrutor fazer. Ele projetou uma passagem e atravessou. Mas isto é usado somente para alguma eventualidade. Você não escutava, quando encarnada, que em Centros Espíritas para determinada ajuda irmãos desencarnados ficam confinados a um local, até poderem ser orientados? Em muitos Centros Espíritas junto com a construção material é também projetada esta energia mental pelos benfeitores. Assim, tanto encarnados como desencarnados só podem entrar e sair pela porta. Estas projeções também são feitas em certos lugares e por determinado tempo para evitar ataques das trevas. Atravessam só os que sabem e conseguem. Talvez, se você quiser, irá aprender no futuro.

Realmente, não tinha visto ninguém entrar na nossa casa e nem em qualquer outro local na Colônia volitando. Todos entravam e saíam tranquilamente pela porta, abrindo-a e fechando-a.

Achei graça do meu tombo e ainda acho graça quando recordo.

Anos depois, estava ensinando meu primo a voitar e lembrei do fato. Resolvi brincar com ele.

—Vamos, Rodolfinho, venha! É isto aí! Vai!

Rumei para a parede e soltei. Segurei o riso. Pensei que, como eu, iria bater a cabeça. Mas Rodolfinho não sabia que desencarnados atravessam paredes, não viera como eu com conhecimentos do Plano Espiritual.

Ele chegou perto da parede, apalpou-a com a mão, virou a cabeça e indagou:

—Patrícia, que faço agora?

—Vira e volta — disse um pouco decepcionada.

Apreendi em poucas lições a voitar pela casa, pelo nosso jardim. Pensava em voitar, firmava o pensamento, subia metros do chão e ia para onde queria.

Vovó me levou ao campo, ou pátio da escola, onde instrutores ensinam a voitar. Fui toda contente.

A escola é muito grande, tem várias áreas e muitos prédios. É muito bonita e agradável, é rodeada de árvores e muitos canteiros floridos.

O pátio é grande, parte gramado, parte ladeado com lindos ladrilhos cinza-claro, em sua volta há bancos e flores. Na Colônia São Sebastião este campo é repartido em duas áreas. Numa parte os principiantes aprendem a voitar, na outra a alimentar-se pela respiração.

Escutam-se pela Colônia músicas agradáveis e suaves. Nos pátios o som é mais alto, porém, não menos agradável. A música suave relaxa e incentiva o trabalho e o aprendizado.

Fiquei encantada, admirando tudo curiosa. Na parte ou campo de volitação, havia cinco instrutores. Cada um com um pequeno grupo de aprendizes. O primeiro grupo, do qual estávamos perto, tinha uns desencarnados que não davam impulso. O instrutor carinhosamente tentava ajudá-los, mas eles pareciam temer. Indaguei a vovó:

—Por que eles nem querem dar impulso? Será que não gostam de voitar?

—Talvez duvidem que conseguirão. Nem todos, Patrícia, aprendem fácil ou gostam de aprender. Sei de muitos desencarnados daqui da Colônia que não sabem porque não querem aprender.

—Será que estes conseguirão?

—O fato de eles estarem aqui é porque querem aprender. Muitos deles, não tendo nem idéia quando encarnados desta possibilidade, desencarnados estranham muito e, pior, duvidam. Mas quem quer, aprende.

Vovó me inscreveu no curso. Tudo bem organizado, tem dia e hora marcado.

Fui apresentada ao primeiro instrutor que me interpelou.

—Patrícia, conhece alguma coisa sobre volitação?

—Conheço.

—Ótimo.

Pegou nas minhas mãos e deu impulso, saí tranquila a voitar.

—Oh! Você deve passar para a turma três.

—O curso tem cinco fases, cada fase com um instrutor. Como já tinha aprendido o básico fui para a terceira fase. Recebi uma apostila para estudar sobre volitação. É bem organizado. Aprendi rápido, em poucas lições concluí o curso e estava apta a voitar. A volitação pode ser feita de vários modos: devagar, rápido, rapidíssimo, na vertical e na horizontal. Devagar é como se andasse, só que acima do chão. Na Colônia volita-se pouco, é mais comum andar pelas suas ruas, avenidas e praças. Normalmente, volitamos devagar. Rápido, quando há mais pressa; e rapidíssimo, o último que aprendemos, volita-se como se fosse desmaterializar para se materializar em outro lugar. Volita-se deste modo a longas distâncias. Vai-se, por exemplo, de um ponto a outro da Terra, em segundos. Na vertical, é usada para a locomoção rápida. Na horizontal, quando se quer apreciar a paisagem.

As crianças e jovens aprendem a voitar nos pátios do Educandário.

O corpo perispiritual é mais denso, quanto mais a personalidade se confunde com o corpo animal, se desligando da aparência animal, ele está onde quer, pois se cosmifica.

Voitar é privilégio de desencarnados. *(Certamente que encarnados volitam quando estão com seus corpos físicos dormindo em desdobramento. Mas a sensação agradabilíssima é só para desencarnados que sabem.)* Ah, que grande e maravilhoso privilégio!

X

APRENDENDO A SE NUTRIR

Vovó voltou a trabalhar como fazia antes e, nas suas horas livres, passeava comigo. Ela gosta muito do seu trabalho. Passeava muito e fui várias vezes à Praça Redonda. Conversava muito e fiz várias amizades. Foi na Praça Redonda que conheci Ana. Ela também estava a passear. Começamos a conversar e percebemos que tínhamos muitas afinidades e uma sincera amizade nos uniu.

—De que desencarnou? Ou como desencarnou?

Esta pergunta se faz muito por aqui. Começa-se a conversar e logo surge o assunto desencarnação, querendo saber como foi que o corpo carnal morreu. Maurício me elucidou que estas perguntas são mais dos novatos que ainda estão preocupados com a sua desencarnação e querem saber como foi a do outro.

Contei minha desencarnação a Ana e ela, a sua para mim.

—Já faz tempo, tenho decênios de desencarnada. Meu corpo definhou pela tuberculose.

Desencarnou jovem, aos dezessete anos. Ela é inteligente, muito instruída e ama aprender. Passamos horas a conversar. Convidou-me para ir visitá-la no seu trabalho e no seu lar. Ana mora no Educandário.

Fomos visitá-la, Frederico e eu. Frederico, sempre que possível, acompanhava-me aos passeios pela Colônia, sempre esclarecendo-me sobre os lugares e suas funções.

—Patrícia, — disse meu amigo — para trabalhar no Educandário, necessita-se de muito aprendizado e dedicação. Normalmente estes instrutores têm muito tempo de desencarnado e conhecem bem a alma humana. Para ser útil com sabedoria, é preciso saber.

Ana veio nos receber feliz como sempre. Tem seu cantinho, seu quarto, ou mesmo seu espaço, como alguns jovens costumam dizer, ao referir-se onde moram, ou sua moradia como ela diz, na área residencial, reservada aos trabalhadores do Educandário. É bem bonita a moradia destes trabalhadores. Eles podem morar neste Educandário, ou em casas, ou nos alojamentos. Refiro-me ao Educandário desta Colônia, porque depois vi, em outras Colônias, outras formas de residências. As casas são parecidas com a da vovó, moram instrutores e alunos, não ultrapassando dez pessoas. Os alojamentos são muitos e comuns nas escolas. São galpões compridos, com várias portas, que levam ao quarto ou cômodo. É uma beleza! Ana mora no alojamento. Seu lar é uma sala decorada com gosto. Não tem cama, Ana não necessita mais dormir. É um recanto seu para receber alguns amigos, ler, ficar a sós. É onde tem alguns pertences. Quadros lindos, vasos de flores, uma foto de família e um piano. A cor azul-clarinho predomina na sua decoração de muito bom gosto. Conversamos animados e Ana nos presenteou com lindas canções que executou ao piano.

Depois nos levou para conhecer seu trabalho. Ana cuida de sete crianças na idade entre três e quatro anos. As crianças estavam no parque. Quando elas a viram, correram para abraçá-la. Elas lhe querem muito e Ana as ama.

Ana deve ter sido feia encarnada. Melhor dizendo, não teve um físico bonito. Mas desencarnada é a beleza interior que invade. Seu sorriso é doce, seu olhar é meigo. Para seu pequenos, não existe beleza maior. Para mim, Ana é maravilhosa.

Frederico, depois, me explicou que somos o que aspiramos ser. Aparência externa bonita pode também ser plasmada por espíritos ligados à beleza física.

Como é bom fazer amigos, ter amigos.

No Educandário, ouve-se muita música, é um local bem alegre. A todos os visitantes é recomendada alegria. Há muitos animais com os quais as crianças brincam, são bichinhos dóceis, como pássaros, gatos, cães, esquilos, etc. Muitas flores e parques com brinquedos de várias espécies para as crianças. Campos de jogos para os jovens. Ana nos serviu de cicerone, mostrando todo o Educandário, principalmente a ala dos pequenos. O Educandário é uma beleza! Bem planejado, visando o bem-estar dos pequenos e jovens desencarnados, oferecendo-lhes alegria e aprendizagem. Não vi tristeza, crianças normalmente se adaptam fácil por aqui. Foi um belo passeio. Encantei-me com o trabalho e a dedicação de Ana que, tirando poucas horas para o lazer, trabalha o tempo todo a cuidar de cada criança como um filho, um irmão querido.

—Ana — indaguei —os pequenos não sentem falta de seus lares, de seus familiares?

—Certamente que sim e, dependendo da idade, uns sentem mais que outros. Os pequeninos nem estranham, os que entendem sentem sim. Por isso, Patrícia, a recomendação aqui é alegria. Todos nós que servimos aqui fazemos o impossível para ajudar nossos abrigados. Quando a família encarnada compreende, aceita a desencarnação tudo fica mais fácil. Mas se se desesperam, chamam por eles, sentem, choram, necessitam de mais carinho de nossa parte.

—Eles não querem aqui o que gostavam quando encarnados? Exemplo: balas e sorvetes?

—Claro, não mudam de gosto só porque desencarnaram. O Educandário é agradável, mas a ordem impera. Todos na Colônia são convidados a se educar. A disciplina com amor educa. Procuramos atendê-los dentro do limite justo. Muitos querem um brinquedo preferido, isto é fácil, os instrutores plasam e eles têm seu brinquedo. Balas e sorvetes são distribuídos, mas na medida certa, assim aprendem que devemos nos nutrir de alimentos saudáveis, tudo equilibrado.

—E os jovens também? Muitos gostavam de refrigerantes, podem tê-los?

—Patrícia, você tem vontade? Aqui, quis tomar um refrigerante?

—Não.

—Assim é com a maioria deles. Vontade está no desejo. E devemos educar nossa vontade. Se algum jovem quiser, pode ter seu refrigerante, mas nunca bebidas alcoólicas. Procuramos, principalmente aos novatos, fazer tudo que é possível para que eles se sintam bem. Mas o Educandário tem normas a serem cumpridas, para o bem-estar de todos. A maioria se encanta com a maravilha que é o Educandário, satisfaz-se com o que ele lhe oferece.

—As crianças e jovens aprendem a nutrir-se pela atmosfera?

—As crianças, normalmente, estão temporariamente aqui. Aprendem conforme são capazes. São muitos entre nós que só se alimentam deste modo. Os jovens gostam mais deste aprendizado.

Dando uma pausa, Ana continuou sua preciosa lição:

—A alimentação de um adulto é mais um exercício de prazer do que nutrição. Todos os nossos vícios são necessidades moderadas do corpo que potencializamos para termos sensações e prazeres. A criança procura o alimento só quando necessita. Ainda não deturpou suas necessidades e, como no astral não há perda de energia, não há busca de alimentos.

Foi um lindo passeio e uma grande lição aprendida em minha visita ao Educandário.

Continuava a ver os meus familiares pela televisão, é tão agradável. Queria, desejava que estivessem bem. Não recebi deles nenhuma revolta, só incentivos. Se, às vezes, sentia leve tristeza, repelia este sentimento, não queria desanimar. Nestes raros momentos, aproximava-me de minhas violetas que estavam sempre lindas e floridas. Sentia-me refeita, era como se o amor de minha mãe me sustentasse juntamente com a força do carinho do meu pai.

Continuava a receber visitas, mas gostava de conversar com jovens ou os que como eu desencarnaram jovens, é mais prazeroso. Talvez porque as conversas normalmente são mais afins. Fiz várias amizades entre os jovens. Vamos a lugares juntos e reunimo-nos para ouvir música.

Notei que Maurício não tomava nem água. Indaguei-o:

—Maurício, como se alimenta?

—Tiro as energias que necessito do sol, do ar e da natureza.

—Será que um dia serei como você?

—Se quiser, esforce-se e será. Eu, nem em excursões, trabalhos entre os necessitados, necessito alimentar-me ou tomar água. Observe, Patrícia, que os moradores da Colônia não são iguais. Há os necessitados, os que querem ser servidos, os que mesmo recuperados fazem trabalhos por obrigação. Há os que servem de boa vontade, mas se acomodam, sentem-se bem como estão, para muitos é o paraíso sonhado. E há os que aproveitam as oportunidades para aprender, servindo com precisão. Você tem seu livre-arbítrio para estacionar, ficar como está, ou progredir, ser como muitos, auto-suficientes, que não necessitam dormir, alimentar-se, têm plena consciência de sua existência espiritual. Não importa se estamos encarnados ou desencarnados, temos que crescer, progredir, pôr em prática o que se aprende. Necessitamos ser e agora, no presente. Muitos encarnados dizem não acreditar na reencarnação, por Jesus não ter dito mais claramente e mais vezes. O que nosso Mestre Maior nos ensinou claramente é que devemos ser melhores, tornamo-nos bons, no presente. Que pode a reencarnação ser de importante a um espírito, se está sempre deixando para o futuro o que tem que ser feito no presente?

—Vou ser como você!

Logo após ter aprendido a voitar, comecei a aprender a nutrir-me pela absorção dos princípios vitais da atmosfera.

Matriculei-me no curso, comecei indo todos os dias em hora marcada, por uma hora.

Neste curso, os instrutores procuram conscientizar seus alunos que realmente estão vivendo num corpo sutil e que são desencarnados. Começa-se aprendendo exercícios para respirar, alguns parecidos com os do Yoga. Digo parecidos porque aqui ninguém se refere a esta ciência de respirar. Faço esta nota porque conheci encarnada alguns destes exercícios. Aprende-se por exercícios, depois faz-se automaticamente, só pela força de vontade. Meu instrutor nos disse que começaríamos a aprendendo com os exercícios, mas é necessária a compreensão da nossa afinidade cósmica. O Pai a todos sustenta. Podemos absorver energia do ar, do sol, ou simplesmente do Cosmo.

Conforme aprendemos, vamos passando para turma mais adiantada, até ter concluído o curso. Conscientizando-se que se quer aprender, tudo fica mais fácil.

O pátio é muito agradável, ao ar livre, e cercado de plantas. Trocam-se muitas idéias e experiências neste curso. Os instrutores são espíritos de conhecimento e experientes, sempre prontos a ajudar. Há muitos horários de aula por dia, mas o pátio está sempre

aberto a todos que queiram ir lá fazer exercícios. É bem frequentado, muitos gostam de se exercitar e outros de ir para renovar o aprendizado.

Este curso me fez muito bem, aos poucos fui passando a viver como todos os desencarnados devem viver, mas aos poucos. Demorei mais tempo para concluí-lo.

Já não me preocupava com minha aparência. Meus cabelos ficavam como eu queria. Já não trocava de roupa como no começo e já ia perdendo a vontade de tomar banho, de escovar os dentes e até de me alimentar. Mas alimentava-me ainda uma vez por dia. Nutria-me de frutas, caldos de ervas, doces, pães, tudo baseado em vegetais. Não se mata animais para se alimentar. Gostava muito de tomar água. A água é diferente, cristalina, fluidificante e energética. Normalmente, os habitantes das Colônias tomam sempre água.

Na casa da vovó, ela e suas amigas alimentam-se muito pouco, só após trabalhos que desprendem muita energia, quando voltam da Crosta, do Umbral ou das enfermarias onde estão os muitos necessitados. Alimentando-se pouco, usa-se pouco o banheiro e elas se banhavam raramente, talvez mais para ter o prazer da água caindo sobre si.

Neste período em que aprendia os exercícios da ciência de respirar, em que começava a me alimentar pela absorção dos princípios vitais da atmosfera, aprendia também a dominar a minha vontade e a usá-la para meu bem-estar.

Não sentia nenhuma dor, nenhum mal-estar, não tive mais resfriado. Maurício me explicara que deveria aprender a observar meu próprio interior. Porque ao agir egoisticamente causamos em nós muitos mal-estares.

Dormia cada vez menos, não sentia necessidade de dormir como antes e nem de me alimentar. Gostei muito, porque, com este tipo de alimentação que começava a me nutrir, quase não precisava ir ao banheiro. Depois, não me alimentando mais, o banheiro é um cômodo dispensável.

Nem todos aprendem a voitar e a se nutrir em cursos, há outros modos de aprender, como lendo, pesquisando nos vídeos, alguém que sabe ensinar. Mas, frequentando estes cursos, é bem mais fácil, aprende-se com exatidão e em menos tempo.

É bem agradável conscientizar-se e viver como desencarnado.

XI RELATO DAS TRÊS AMIGAS

Nas horas de lazer, é costume visitar amigos e parentes por aqui. Gostamos de nos reunir e conversar. O assunto preferido entre familiares são os parentes. Falamos a respeito dos entes queridos desencarnados que não estão bem e sobre os parentes encarnados. Trocam-se idéias e ajuda. Na casa de vovó, recebem-se muitas visitas e, como estava sempre por ali, quando convidada, ficava junto. Escutava conversas, participava e, com isto, aprendia muito.

D. Amélia, uma das senhoras que moram conosco, recebeu a visita de sua neta Marina e da amiga dela, Isa, que residiam em outra Colônia. Conversamos animadas. Como quase sempre acontece, a conversa foi sobre a desencarnação. D. Amélia foi a primeira a falar da sua desencarnação.

—A morte do meu corpo foi muito dolorida. O câncer foi destruindo meu corpo. Revoltei-me com tudo e todos, tornei-me uma doente amarga. Muita debilitada, meu corpo morreu, nada vi ou senti, só percebi tempos depois. Continuei a sofrer com meu desencarne. Vaguei com dores pelo meu antigo lar. Sofri muito. Depois de muitos anos, fui socorrida. Entendi que foi merecido tudo o que passei. Tendo saúde encarnada, não dei valor, tomava sempre bebidas alcoólicas, fumava, envenenei meu corpo com o egoísmo, inveja e ciúmes. Se não fiz mal a ninguém, fiz pouco bem. O bem que fiz foram as poucas esmolas, resto do meu supérfluo, que distribuí. Nunca pensei em ajudar realmente alguém. Vivi encarnada cultivando a matéria, como uma tola imprudente, ignorando a parte verdadeira, a espiritual. A dor, a doença, tudo isso foi uma tentativa que havia escolhido antes de reencarnar, para alertar-me, mas fiquei revoltada, não sofri com resignação. Quem não sofre com aceitação, pouco lhe adianta. Depois, em vez de reconhecer meus erros, me revoltei, achando injusto, por não ter feito, no meu ponto de vista, nada de ruim, não matara, não roubara, não traíra, etc. Esquecendo que pude fazer o Bem e não fiz. Nem aprender quis. Para que saber? Dizia sempre, depois de morta, aprendo. Isto, se tiver continuação da vida. Teve, continuei a existir depois do meu corpo ter morrido. E continuei a sofrer pelos mesmos motivos. Até que, cansada, comecei a ver realmente meus vícios. Mais humilde, clamei, pedi ajuda. Amigos e parentes levaram-me para o hospital de um Posto de Socorro, onde sarei e vim para a Colônia. Agora, tendo a oportunidade, sou agradecida, tento educar-me no trabalho útil e no estudo da boa moral.

—Eu — falou Marina —desencarnei jovem, aos vinte e um anos. E, como vovó, ignorava completamente a continuação da vida, não tinha idéia do que acontecia com quem morria, se acaba, se ia para o inferno ou o céu. Teorias que não entendia e nem queria entendê-las. Não seguia religião nenhuma. Dizia ter uma só por rótulo. Para mim, a morte do corpo era somente para os outros. Desencarnei por um acidente de carro. Socorristas, trabalhadores do Bem tentaram ajudar-me, repeli-os. Para mim, era loucos dizendo besteiras, como que meu corpo morreu. Foi um período difícil. Na minha casa, foi um caos. Meus pais intensificaram as brigas e acabaram por se separar. Um acusava o outro pelo meu desencarne. Sofri muito, julguei estar louca por não conseguir entender o que se passava e por não aceitar minha desencarnação. Com meu lar desfeito, vaguei pelas ruas com muito medo. Cansada de sofrer, resolvi apelar para Deus. Entrei num templo e orei, senti-me melhor e resolvi ficar ali. Entendi que religião faz falta, quando se é religioso sente-se protegido, quando se é realmente sincero e devoto na religião os sofrimentos são compreendidos. E a morte não aterroriza tanto. Entendi que

desencarnara, mas não sabia o que fazer para melhorar minha situação. Fiquei naquele templo a orar junto com outros desencarnados e com encarnados que lá iam. A oração levou-me a meditar, a me arrepender dos meus erros. Fiz muitos atos errados, fui egoísta, materialista, nos meus vinte e um anos que passei encarnada, tinha muito do que me arrepender. Não saí mais do templo, temi os irmãos trevosos, tinha medo que eles me prendessem. Eles não entravam no templo, mas via-os fora. Fiquei anos no templo, cansei, resolvi ser sincera comigo mesma e pedir socorro. Chorando, pedi ajuda a Deus. Trabalhadores do Bem auxiliaram-me. Levei tempo para me recuperar num hospital de um Posto de Socorro. Hoje estou bem, sou grata, aprendo a viver aqui, anseio por melhorar moralmente e pôr em prática o que aprendo.

Marina suspirou, mas não estava triste, as lembranças de tudo que passou lhe dão forças para melhorar cada vez mais. Após uma pausa, foi a vez de Isa falar.

—Desencarnei por um tumor maligno no cérebro, depois de alguns meses doente. Estava com dezesseis anos. Seguiu uma religião que equivocadamente me ensinou que, com a morte, adormecia para acordar no julgamento de toda a humanidade, nos fins dos tempos. Senti um torpor com a morte do meu corpo, uma espécie de sono, no qual achava que dormia, mas ao mesmo tempo via e ouvia tudo, embora sem muita clareza, o que se passava ao meu redor. Fiquei junto dos familiares a velar meu corpo. O desespero dos meus foi grande, gritavam, choravam, sofriam horrivelmente. Sentia muita perturbação, mas também sentia-me amparada, escutava alguém convidando para ir, partir. Os meus familiares me seguravam e não me esforcei para ir, não queria deixá-los sofrendo tanto. Após meu corpo ter sido enterrado, meus familiares foram embora, chamei com fé: “Meu Deus, ajuda-me!” Socorristas me levaram para um Posto de Socorro tentaram explicar e me curar. A doença, o reflexo dela, ainda era forte em mim. Não me apavorei ao saber que meu corpo morreu, decepcionei-me por não ser como pensava, como acreditava. Entendi as explicações que gentilmente os benfeitores me transmitiam, raciocinando, achei justas e lógicas. Não temi mais, e passei a dormir com mais tranquilidade. Mas os lamentos, o desespero dos meus, enlouqueciam-me. Julgava-me tão coitada por ter morrido que comecei a ter dó de mim, e a autopiedade não leva a nada, só maltrata, desespera. Eles começavam a chorar, eu também desesperava e chorava. Quando me chamavam, queria ir para perto deles e acabei indo. Que agonia! Choravam, lamentava, era como se eu tivesse acabado. Sem entender, pois novamente fiquei confusa, sofri muito. Diziam que estava dormindo, que nada via ou sentia, gritava que não e novamente me apavorei, temi adormecer. Detestei ficar no meu ex-lar, quis voltar ao Posto de Socorro, mas não sabia como. Lembrei de Jovina, uma caridosa enfermeira que cuidou de mim, chamei por ela. Jovina carinhosamente veio em minha ajuda, senti alívio ao vê-la. “Jovina, socorre-me!” Implorei em lágrimas. “Tira-me daqui, me leva para um lugar onde não possa voltar mais.” Jovina me levou para uma Colônia, onde fui internada no hospital do Educandário na ala para jovens. Tive de receber um tratamento especial para superar e entender o desespero dos meus pais, procurando não dar importância aos seus chamados para não sentir tanto. Os orientadores do Educandário, para que pudesse me recuperar mais rápido, tentavam ajudar mais pais. Como o sofrimento leva muitas pessoas a procurar ajuda, meus familiares aceitaram conversar com uma vizinha Espírita que bondosamente lhes explicou que deveriam conformar-se com a vontade de Deus e que eu, sendo boa, deveria estar em bom lugar e que não deveriam me chamar, etc. Foram ótimos conselhos, que entenderam de modo confuso. Mas, para meu alívio, melhoraram, não chamaram mais por mim e não desesperaram, sofrendo menos. Pude então me sentir

mais aliviada, esforcei-me para sarar, porque eles, pensando em mim como doente, com dores, me transmitiam isto, dificultando o desligamento dos reflexos da doença. Sarei e senti-me bem. Comecei a interessar-me em conhecer o Educandário, a Colônia, a fazer amizade e apareceu outro problema. Julgavam-me santa, anjo, e encheram-me de pedidos. Pediram-me de tudo, para ir bem na prova da escola, para ter saúde, para não chover, ou para chover, sarar da dor de cabeça, achar objetos perdidos, etc. Pior que incentivaram todos os familiares, amigos e vizinhos a fazê-lo. Sentia estes pedidos e agoniava, queria ajudá-los, mas como fazê-lo? Instrutores do Educandário tentaram novamente ajudá-los para que eu melhorasse. Novamente a vizinha Espírita foi a porta-voz, conversou com eles, orientou-os para que não pedissem nada a mim. Que pedissem a Deus, a Jesus, aos Anjos. Que eu, sendo boa, deveria estar em bom lugar, mas que talvez não me fosse possível ajudá-los e que sentiria por isto. Ficaram sentidos com a bondosa vizinha. Generosos instrutores do Educandário tentaram novamente esclarecê-los, desligando-os do corpo enquanto dormiam e conversando com eles. Foram aos poucos deixando, mas, ainda hoje, recebo pedidos. Amo meus familiares, desejo-lhes bem, oro por eles, mas não gosto nem de ir visitá-los. Sofri muito com a falta de compreensão deles. A morte é tão natural, não sei por que fazer dela uma tragédia. Demorei muito tempo internada no Hospital, tive depois que fazer um acompanhamento com orientadores, até me sentir segura. Amo a vida desencarnada, sinto-me tão bem no Educandário. Mas não foi fácil!

A conversa continuou agradável por mais tempo, depois nossas visitantes despediram-se e foram embora.

Fiquei a pensar...

XII ELUCIDAÇÕES

Maurício me surpreendeu pensativa, sentada na varanda.

—Em que a menina Patrícia pensa tanto?

Contei-lhe as narrativas que ouvi das três amigas e terminei por interpelá-lo.

—Por que não fui para o Educandário?

—É bom que pensa, medita para aprender. Você é muito adulta com os seus dezenove anos. É mais responsável que muitos idosos por aqui. Acharmos melhor você ter vindo para cá. Você tem muitos conhecimentos, o Educandário lhe pareceria uma escolinha para infantes.

—Sofre-se ao desencarnar por não ter conhecimentos do Plano Espiritual?

—Nem todos sofrem, por não terem conhecimentos Espíritos ou do Plano Espiritual. Conhecimentos só facilitam a adaptação. Mas a falta destes conhecimentos, da crença da verdadeira continuação da vida após a morte do corpo, acarreta muita perturbação e até sofrimento ao desencarnado e até mesmo para os encarnados que perderam o ente querido.

—Que me diz do sofrimento destas três amigas?

—O egoísmo é um peso, os que cultivam a matéria a ela ficam presos. Amélia sofreu, não foi má, mas deixou de fazer o Bem. O Bem a ela própria, como se instruir, entender a vida como um todo. Teve vícios e nem se esforçou para melhorar. A desencarnação foi um pesadelo, uma agonia. O que aconteceu a ela sucede com muitos: são os que se esquecem completamente da parte espiritual. Marina sofreu pelos mesmos motivos. Equivocam-se ao pensar que todos os Jovens são socorridos, somente pelo fato de ser jovem. Não estando nada preparada para enfrentar a mudança com a desencarnação, repeliu-a. Seus erros lhe pesaram na consciência. Infelizmente vemos muitos jovens delinquentes. Ser criança e jovem na matéria são fases. Sabemos que o espírito pode ser milenar. Os socorristas dedicam a máxima atenção para todas as crianças e jovens, mas infelizmente nem todos podem ser amparados. Muitos necessitam entender através do sofrimento, para dar valor ao amparo recebido.

Maurício suspirou dando uma pausa e continuou:

—Isa, sendo boa, poderia ter sido socorrida e sentir-se bem logo que desencarnou, mas, como acreditava que ia ficar no corpo dormindo, quis, desejou ficar. Nossa vontade é sempre respeitada. A história de Isa é comum, o sofrimento em desespero atormenta a todos. São muitos os jovens que passam o que ela passou. Quando os encarnados têm dó e só pensam nos desencarnados doentes, sofrendo, estes sentem. Estes têm mais dificuldades para livrar-se dos reflexos da doença, do sofrimento pelo qual desencarnaram. Devem os encarnados pensar nos desencarnados sadios, felizes, e desejar-lhes alegria. Quando os encarnados não colaboram, os desencarnados necessitam de muito auxílio para superar esta fase difícil. Escutam chamá-los, como se as vozes dos familiares saíssem de dentro deles, querem atendê-los, querem ir para perto deles. Eles choram lá e eles aqui. Muitas vezes, ficam internados somente por este motivo. Às vezes, aceitam a desencarnação, está tudo bem com eles, mas entram em crise todas as vezes que, em desespero, os encarnados chamam por eles. Depois ficam a lhes pedir favores. Não se deve pedir graças, favores aos familiares desencarnados, não se sabe se eles podem ou não fazê-los. Como no caso de Isa, ela, não podendo, sentia-se infeliz. Mesmo se pudesse, não podemos pedir que façam a lição que nos cabe e nem que venham tomar

nosso lugar nos bancos de provas. Isa nem podia ajudar a si mesma, e se estivesse apta a ajudar, se já tivesse conhecimentos, não poderia atender todos os pedidos, não é bom fazer o que compete aos outros. A intervenção dos instrutores do Educandário no caso de Isa é muito justa. Para ajudá-la tentaram chamar seus familiares à realidade. Os orientadores do Plano Espiritual fazem muito esta ajuda, pensando nos seus pupilos. Observe, Patrícia, que Isa sendo boa sofreu pela falta de compreensão, do entendimento da desencarnação, algo tão comum para todos.

—Comigo foi tão diferente!

—Você não é privilegiada, aqui está por afinidade, é pura de coração. E não é por ter sido Espírita. *(Os Espíritas, normalmente, estão entre aqueles aos quais muito foi dado e a quem muito será pedido. Os que deram valor ao que receberam terão em abundância.)* Se não fosse boa e sem erros sua desencarnação não teria sido como foi. Se você, Patrícia, não fosse boa, poderia ter sido até uma dirigente de Centro Espírita, que não viria como veio. Está aqui porque você fez por merecer. Você não sentiu o que Isa sentiu, porque o ambiente de seus familiares é de compreensão. Todos buscam, no seu lar, o aperfeiçoamento que lhes dá condições de não se perturbar e assim ajudar você. Veja sua mãe: em vez de chamá-la para junto de si, oferta-lhe flores. Não as colhe, ou leva ao cemitério, pensa e manda-as. Seu pai, na sua desencarnação, lhe deu estímulo e sustentação psicológica.

Maurício silenciou. Sim, era verdade, meu pai me sustentava. Recebia diariamente seus recados e orações: “Patrícia, alegre-se, a vida é linda, seja feliz! Estamos bem, não se preocupe conosco. Faça o que os amigos lhe têm orientado, etc., etc.” Sempre obedeci meus pais. Achava e acho meu pai o “máximo”, prudente e sábio e seguia agora suas orientações.

—Maurício, quero trabalhar.

—E o fará. Logo que iniciar o curso de conhecimentos do Plano Espiritual, você irá fazê-lo. Este curso é realizado de dois modos, num período maior para os que não têm conhecimentos do Plano Espiritual, e em período menor para os que têm conhecimentos. Você fará o de período mais curto. Irá gostar muito. Mas, enquanto espera, deseja fazer algo? Bem, vamos ver. Que quer fazer? Quando desencarnou fazia dois cursos na Faculdade, Ciências e Matemática, como também lecionava para infantes. Quer lecionar, dar aulas?

—Lecionar aqui!?

—Você acha que só pelo simples fato de desencarnar se sabe de tudo? Quem era analfabeto encarnado, desencarna e continua sendo.

—Se em outras encarnações passadas sabia, não recorda quando desencarna?

—Nem sempre. Se em outras encarnações teve conhecimentos e na última foi analfabeto, poderá recordar. Mas esta lembrança poderá ser acompanhada de outras que talvez não lhe sejam convenientes no momento. Depois, para ter estas recordações o espírito precisa estar apto, preparado para isto. E quem está apto recorda quase sempre sozinho. Os desencarnados só recordam o passado para um entendimento, para aprendizado ou para realizar uma tarefa. Os que precisam recordar vão a departamentos próprios, lá os trabalhadores do local analisam e, se for realmente um Bem, ajudam-nos a recordar. Aqui, na Colônia, estes irmãos analfabetos têm oportunidades, facilidades para aprender. Há uma ala, na Escola, onde analfabetos que desencarnam adultos aprendem a ler e escrever. Você poderá ensiná-los, alfabetizando-os, enquanto espera o início do curso. Ensinará só os adultos, porque professores de crianças e jovens fazem parte do Educandário, necessitam de muitos conhecimentos. Porque, professores, para eles, são

exemplos, são aqueles que resolvem todos os seus problemas. Para adultos, o conhecimento é dividido em matérias e você os ensinará muito bem a ler e escrever. Quer?

—Sim. Quero.

Maurício despediu-se e fiquei a pensar, recordei que papai sempre nos dizia sobre o saber: “O saber, que a maioria dos homens e espíritos tem como fim, deveria ser como meio, para que o homem possa evoluir até sua cosmificação. Nós, para vivermos na matéria, não precisamos saber ler, mas o saber facilita. Assim também o saber não realiza o homem espiritualmente, mas, sim, lhe dá condições de compreender e encontrar a bem-aventurança.”

Sim, queria estudar, aprender para ser útil com sabedoria e fiquei muito feliz em poder repartir desde já os poucos conhecimentos que possuía com outros irmãos.

Aguardei ansiosa a nova visita de Maurício que me levaria à escola para adultos.

XIII A ESCOLA

Dois dias depois, Maurício veio me buscar para me levar à escola.

Ela está situada numa área enorme. Encarnada, ouvi, no Espiritismo, falar das Escolas no Plano Espiritual, referindo-se muito ao aprendizado que se faz quando desencarnado. Mas pouco sabia o que vinha a ser este aprendizado. Quem gosta de aprender, interessa-se sempre por estas escolas. Há escolas por todas as Colônias, são sempre grandes e acolhedoras. A que descrevo, a da Colônia São Sebastião, é linda. Está numa área com vários prédios, é repartida em alas, designadas por letras. O objetivo é bem claro, deveria ser o mesmo sempre em todos os planos: instruir. Na escola há cursos de conhecimentos, mas o principal ensino é o Evangelho, a Moral Cristã. Há muitos cursos para ensinar a viver desencarnado, como os que fiz de Volitação e Alimentação. Os cursos têm tempo marcado de duração. São poucos os orientadores e professores que moram na escola. Na Colônia São Sebastião, as moradias na escola são só para alojamentos. Muitos alunos moram lá durante o curso.

Entre um prédio e outro, há pátios e jardins. A escola toda é cercada com muitas árvores, flores e recantos agradáveis com bancos, onde alunos revêem a matéria, estudam, trocam idéias e conversam animados.

Maurício e eu rumamos para a Ala D. Enquanto andávamos, foi me esclarecendo:

—Aqui estão todas as salas de aula da Colônia. O estudo aqui abrange até certo grau. Aqueles que após cursá-lo querem continuar a estudar podem ir a outras Colônias maiores ou às Colônias de Estudos.

—São muitos os que querem estudar?

—Infelizmente não. Aqui tudo é facilitado. Não se pode dar as desculpas que encarnados dão para não estudar. Mesmo assim, estuda uma parte somente dos moradores. A continuação dos estudos abrange somente um a pequena porcentagem. Estuda-se para ter conhecimentos.

—Como são estas escolas em Colônias de Estudos?

—Chamamo-las de Colônias de Estudos, embora cada uma delas tenha um nome. É um tipo de escola que para os encarnados seria uma Universidade, abrangendo conhecimentos maiores em várias Ciências. Estas Colônias são só escolas, ou melhor, há nelas somente locais de estudos, de pesquisas, e as moradias de professores e alunos.

—Maurício, se um aluno indagar algo que não sei, que faço?

—Diga simplesmente que não sabe, que irá indagar para responder. Você dará somente aulas de Português e Matemática. Eles perguntam mais nas aulas de Iniciação Evangélica e Moral Cristã, aulas dadas por professores experientes, que resolvem ou dão orientações a todos os problemas dos alunos. Agora vou apresentá-la a D. Dirce, a coordenadora da Ala D.

A Ala D dá para um pátio. Tudo é simples como toda a escola, pintada de cor clara e muito limpa. Maurício bateu numa porta em que estava escrito: Orientadora. D. Dirce nos recebeu alegremente.

—Oi, Patrícia, que bom tê-la conosco. Maurício, se quiser pode ir. Até logo! Você, Patrícia, ficará comigo, mostrarei o método que usamos para alfabetizar.

Entramos na sala da orientadora, que é mobiliada com muito bom gosto, mas simplesmente. Entusiasmada ela me mostrou o método que usam. Encantei-me com o modo prático e simples de ensinar. Os planos de aulas já estão prontos, muito bem

elaborados. Observei D. Dirce, fala da escola e dos alunos com entusiasmo e alegria. Percebeu o que eu pensava, não me surpreendi. Aqui, a maioria sabe ler pensamentos. Disse delicadamente.

—Patrícia, amo ensinar, amo o que faço, amo esta escola! Venha, mostrarei esta ala a você.

Todas as classes davam para o pátio. As salas são pequenas, no máximo para quinze pessoas cada uma, isto para facilitar o aprendizado. Salas pequenas estão nesta ala, há salas de aula de diversos tamanhos na escola. D. Dirce bateu em uma das classes.

—Esta é a sala em que vai trabalhar.

A porta abriu e o professor nos recebeu sorrindo. D. Dirce nos apresentou como também aos alunos.

—Esta é Patrícia, que irá substituir Clóvis; este é o professor que licenciará.

Gostei deles e senti que eles gostaram de mim. Logo após conhecer todos, saímos. D. Dirce continuou esclarecendo-me.

Você irá substituir Clóvis que, por motivo de família, pediu licença.

Estranhei com este “pediu licença”. D. Dirce explicou.

—Patrícia, aqui tentamos aprender a servir por Amor. Todo trabalho é um aprendizado e não sacrifício. Certamente ao adquirir responsabilidade não deixamos nossos afazeres sem pedir aos nossos superiores. E, quando fazemos, é por motivo justo. Clóvis, a quem irá substituir, está conosco há três anos, seu filho desencarnou e vaga em sofrimento. Pediu licença para ver se consegue ajudar o filho e os familiares encarnados. Um pedido assim é comum aqui, sua avó, para ficar com você, pediu licença por um período do seu trabalho.

—Tudo bem organizado! — não pude deixar de exclamar.

Voltei para casa com meus planos, começaria a lecionar no dia seguinte. Em casa li os e planejei o melhor modo de dar aula.

Contente, no dia seguinte lá estava bem antes do horário marcado. Conheci os outros professores da Ala D, muito simpáticos, todos foram gentis comigo. Lenita, uma das professoras, se ofereceu para me ajudar e orientar no que precisasse. Gostei dela e nos tornamos amigas.

Minha classe tinha doze alunos, senhores e senhoras, pessoas simples, quietas e tímidas. Ali não usamos o termo senhor e senhora nem eles me chamavam de dona, tratavam-me por você. Só nos referíamos ao tratamento respeitoso a D. Dirce. Iniciei a aula. Normalmente tinha que repetir as explicações, corrigir caderno por caderno. Eles não desanimavam, queriam aprender. Eu com paciência ensinava prazerosamente. Acostumamo-nos logo uns com os outros.

Lenita morava perto da casa de vovó, voltávamos da escola juntas, porque ela lecionava dois períodos e íamos em horário diferente. Conversávamos muito, desencarnou jovem como eu, vinte anos, é inteligente, poetisa, temos os mesmos objetivos e interesses.

Lenita é clara, usa uma longa trança nos cabelos e a joga do lado, que vem até a cintura, é muito bonita. Falando em beleza, os moradores da colônia são na maioria bonitos. Acho que é por dois motivos. Primeiro, a gente passa a vê-los como irmãos queridos. Segundo, porque os moradores são de paz, estão se equilibrando, tentando harmonizar-se. As pessoas assim, lindas interiormente, são agradáveis, portanto bonitas.

—Patrícia, fiz o curso que irá fazer, é maravilhoso, irá gostar.

Está sempre incentivando e elogiando a todos. Ela não gosta de falar de si, insisti para que contasse sua história.

—Desencarnei há muitos anos, fui assassinada. Foi bem triste e cruel. Sofri muito. Estava noiva, amava e era amada. Ao voltar do trabalho, à tardinha, sozinha, um homem me rendeu, me amarrou, tampou minha boca e me levou para um local isolado. Me estuprou e feriu com uma faca, largando-me num buraco. Desencarnei com muita dor e agonia. Socorristas me desligaram e levaram para um Posto de Socorro. Julguei que ainda estava viva, encarnada, não acredite, não queria nem pensar que desencarnara; iludi-me de tal modo que até esqueci o que acontecera, só queria sarar e voltar para perto dos meus. Como não me levaram, fugi, fui para a casa terrena. Decepçãoei-me muito e fiquei magoada. Nada era como antes, meu noivo nem sentiu minha falta como eu pensei. Já namorava outra. Comecei a enlouquecer. Meus ferimentos voltaram, triste, fiquei a vagar. Só então entendi que desencarnara, pedi a Deus ajuda com sinceridade. Novamente fui socorrida. Desta vez, sem ilusão, magoada e triste, tive que fazer um longo tratamento para me recuperar. Estava revoltada com a maldade, a lembrança do acontecimento bárbaro fazia-me entrar em crise de desespero. Foi necessário recordar parte do meu passado, de uma outra existência, onde vi a ação que fiz para ter esta reação. Fui no passado distante um mercador de escravas jovens e bonitas, negociava-as para homens de maus instintos. Curada, adaptada, vim para esta Colônia estudar e trabalhar. Hoje sou feliz. Minha triste história não me incomoda mais.

—Ficou sabendo quem foi seu assassino?

—Sim, fiquei. Mesmo quando revoltada, não quis me vingar. Fiquei magoada mais pela maldade, do que com ele. Perdoei logo. Este irmão que me tirou a vida física sofreu muito. Não foi preso, mas a reação de seus erros veio em seguida. Tanto sofreu encarnado, como sofre desencarnado.

—Não pensou em ajudá-lo?

—Sim. Não faz muito tempo, pude com permissão tentar ajudá-lo no Umbral. Fui até lá. Não aceitou nem me ouvir. Ao me ver, gritou que era culpada por ele estar sofrendo. Que certamente fui dar queixa a Deus e Ele o colocou no inferno. Meus instrutores me aconselharam a deixá-lo. Um dia ele entenderá, se arrependerá com sinceridade e será socorrido. Oro muito por ele.

Que bonita lição podemos tirar da história de Lenita!

O trabalho da escola me fascinava. Dediquei-me tanto, que estava conseguindo ótimos resultados. D. Dirce estava contente comigo e Maurício não pôde deixar de sentir orgulho quando ela me elogiou a ele.

Depois, estava trabalhando, ganhando meus bônus-horas. Receber meu primeiro bônus-hora foi superagradável. Agora, não iria depender mais da vovó nem dos amigos para ir ao teatro, às salas dos computadores, lugares que gosto de ir. Alegrei-me tanto ao recebê-lo que fiquei orgulhosa, foi como receber encarnada meu primeiro ordenado. A sensação de autosuficiência é agradável, não ser peso, ser útil, poder colaborar é o máximo. Não estava lecionando só por este motivo. Trabalho é um bênção. Mas fiquei toda importante com os “meus” bônus, os que ganhei trabalhando.

Tudo que narro poderá parecer a muitos uma ficção. Mas o que é a morte senão uma nova etapa da vida?

XIV

VISITA EM CASA

Vovó me disse que logo poderia visitar meus familiares. Aguardei toda contente. Estava muito bem e feliz. As recomendações foram muitas. Em casa, vovó e suas amigas falaram por horas.

—Patrícia, você em sua casa deve ficar alegre o tempo todo.

—Lembre-se de que o lar é onde existe amor, o carinho de vocês não acabou. Continua o lar terreno sendo seu, só que não é para morar mais lá.

—Mesmo que sentir vontade de ficar, não deve. Irá somente visitá-los. É aqui o seu lugar. Amamos você e a queremos aqui. Etc...

Tudo que se espera chega. Chegou o dia tão aguardado de ir visitar meus familiares. Acompanhariam-me Artur, Maurício, Frederico e vovó. Não pude deixar de pensar se não eram muitas pessoas para ir comigo a uma simples visita. Maurício, como sempre lendo meus pensamentos, esclareceu:

—Sua avó vai porque quer prazerosamente acompanhá-la na visita à família. Eu vou porque sou responsável por você, Artur e Frederico vão porque querem estar com você desfrutando desta alegria.

—Vamos, Patrícia —, disse Artur, alegre como sempre.

—Não vai me recomendar nada? — indaguei.

—Não — riu. —Não acha que já escutou demais? Depois, com tantos acompanhantes, não duvido que seja você a nos orientar.

Rimos, mas estava ansiosa. Caminhamos para um dos portões.

—Artur — perguntei —, são todos os moradores e hóspedes que podem visitar seus familiares?

—Não, são poucos os que podem usufruir deste prazer. Tudo por falta de preparo e entendimento tanto dos desencarnados quanto dos encarnados. Os desencarnados moradores são os que já trabalham, os que são úteis. Os hóspedes da Colônia são os que estão em adaptação. Para visitar a Terra, necessitam estar aptos, conscientes da desencarnação, dos problemas dos familiares. Têm que ter total conhecimento que estão a visitá-los. Estas visitas também têm que ser com os encarnados conformados, sem o perigo de eles segurarem o desencarnado. Não podem usufruir destas visitas se tiverem uma leve perturbação. Muitos querem, poucos podem.

A Colônia São Sebastião tem três portões. São grandes, há neles três aberturas para os aeróbus passarem. Agre-se o portão inteiro, ou outra abertura de um tamanho médio e uma porta. São controlados por aparelhos de que os encarnados não têm ainda conhecimentos.

Estes aparelhos medem a vibração de quem deve passar por eles. Também há trabalhadores que guardam os portões. As Colônias não são idênticas, não são todas iguais, porém todas têm as mesmas bases, já que seus objetivos são os mesmos: servir de moradia provisória a desencarnados. Na Colônia São Sebastião, os portais, ou portões, são muito bonitos, são dourados clarinho com lindos desenhos em relevo, principalmente de flores.

A porta foi aberta e a atravessamos. Vi os muros. Toda a Colônia é cercada, ou murada; expressões, nomes dados não alteram. Ela é cercada por uma energia, força magnética, só é possível entrar e sair das Colônias pelos portões. Este muro, parede que a cerca, é do mesmo material que é feita toda a Colônia. Sendo assim, são poucos os

desencarnados que podem atravessar esta muralha. Também há esta energia magnética que impede de entrar desencarnados que não podem ir à Colônia. Irmãos estes enraizados no mal e com intenções mesquinhas. É bonita a muralha. Cheguei perto, toquei-a, olhei para cima, não vi seu final. O muro é constituído até certa altura, depois só fica a energia magnética que envolve toda a Colônia. Para ver a Colônia necessita-se vibrar igual, muitos espíritos ignorantes no mal não a acham, não conseguem vê-la.

Meus três acompanhantes ficaram me observando enquanto olhava tudo curiosa.

—Artur, — indaguei — sempre tive a curiosidade de saber o que acontece se um avião passar por aqui.

—A Colônia fica longe do espaço onde passam aviões. Está bem mais alta. Mais alguns Postos de Socorro estão localizados no espaço onde podem passar aviões. Estes podem passar pelos Postos e não acontece nada. Colônias e Postos não são matéria bruta, mas sutil.

—E os foguetes, as naves espaciais?

—Não nos causam danos. Mas as Colônias não são imóveis, podem pela força mental dos que as sustentam mudar de lugar, se houver necessidade.

—Vamos, falou Frederico sorrindo.

Demos as mãos. Sabia voitar, mas seria a primeira vez que voitaria rápido e em grande distância. Deram as mãos para me ajudar. Quando grupos saem, não se dão as mãos, a não ser se há algum inexperiente como eu.

Vimos tão rápido, questão de minutos, que não deu para ver nada, descemos no quintal de minha casa.

—Entremos — convidou Artur.

—A porta está aberta, mas se você quiser, Patrícia, pode atravessar a parede — vovó explicou.

—Depois — respondi.

Mamãe estava sentada no sofá da sala fazendo crochê, estava mais magra. Olhei-a demoradamente. Amo-a demais. Fiquei parada na sua frente. Vovó falou carinhosamente.

—Venha, abrace-a e beije-a.

Aproximei-me de mansinho, beijei sua mão, seu rosto. Tendo consciência que se é desencarnado, nota-se muitas diferenças ao aproximar-se de um encarnado. Fui pegar nas mãos de mamãe, as minhas atravessaram as dela. Beijei seu rosto devagar, emocionei-me. Sempre dei valor a tudo que tínhamos, não em exagero. Sempre fui grata a tudo que tive e cuidei dando valor a cada objeto. Ver a casa, meu lar como sempre, dei graças ao Pai. Sempre tive muito mais que merecia. Senti vontade de chorar ali na frente de minha mãe, esforcei, levantei e refugiei-me nos braços de vovó.

—Agora — Artur disse me animando — vamos ver a Carla, depois vamos ao sítio para que veja seu pai e seu irmão.

—Você vai voitar ao nosso lado, vamos devagar — disse Maurício.

Os fluídos da Terra são bem mais pesados que os da Colônia. As Colônias têm boas vibrações, porque lá não há maldades. Na Terra, são mentes boas e más a vibrar. Muitos desencarnados das Colônias e Postos de Socorro ao voltar à Terra pela primeira vez sentem sufoco, tonteira, ligeiro mal-estar. Nada senti, estava sustentada pelos amigos que me acompanhavam.

Volitamos, fiquei no meio, mas sozinha. Ver a cidade de cima, voando, é bem agradável. Chegamos à casa de Carla, abracei-os, ela e meu cunhado Luiz Carlos, minha irmã logo daria à luz ao meu tão esperado sobrinho. Depois fomos ao sítio. Como é

agradável voitar no campo, ver as árvores, as plantações e animais. Vi Juninho trabalhando, dei-lhe um forte abraço. Fui até meu pai, beijei suas mãos e o agradei. Papai pensava em mim, mandava seus costumeiros incentivos. Beije-o e abracei-o.

Olhei para nossa casa do sítio.

—Posso, agora, passar pela parede?

Com a afirmativa, fui em direção á casa, mas perto da parede parei.

—Como faço?

—É simples, pensa que o fará e faça.

Realmente é simples, passei diversas vezes pelas paredes e portas.

—Patrícia, vamos até a casa de sua tia Vera? Talvez, se tudo der certo, poderá você mesma ditar uma mensagem a sua mãe — Artur falou contente.

—Transmitir uma mensagem? Pela psicografia? Mas eu não sei!

—Aprende — Maurício respondeu calmamente.

“Como será ditar uma mensagem”, pensei. Curiosa dei a mão a eles e volitamos rápido.

XV PSICOGRAFIA

Entramos na casa da tia Vera, ela estava psicografando. Antônio Carlos ditava a ela que escrevia distraída e feliz.

—Veja como é — disse Maurício. — Faça como Antônio Carlos, tudo é simples.

Minha tia estava sentada à escrivaninha e Antônio Carlos, sentado ao lado, ditava o que lia de um dos seus cadernos. Ele fixava seu pensamento na mente dela. Observamos por minutos. Antônio Carlos parou e disse a minha tia:

—Surpresa! Patrícia está aqui e irá ditar a seus pais.

Titia realmente se surpreendeu e se concentrou. Pensou em mim, aproximei-me, ela me sentiu. Este “sentiu” é ver pela percepção. Sorriu contente.

—Como você está bonita! Patrícia, sinte-se à vontade. Vamos escrever?

Aproximei-me mais e a abracei. Ditei devagar e titia foi escrevendo. Foi um bilhete. Mande abraços, agradei, dei notícias minhas. Pedi que não se privassem de nada por mim.

Realmente foi mais simples do que pensei. Explicar o que é ser médium é complicado, ainda mais se partir para o lado científico. Disfunção orgânica? Um dom a mais? A menos?

O importante é que se faça desta sensibilidade útil pelo trabalho. Confiar na força do Bem e se esforçar para acertar. Médiuns honestos fazem deste intercâmbio um bem para muitas pessoas.

Ao terminar, agradei a minha tia e me afastei. Julgando que já tinha ido, titia chorou de saudades.

Vi meus primos e abracei-os.

—Maurício, — indaguei — titia faz muitas mensagens. Desencarnados gostam de escrever?

—Quase todos. Não gostou? Não é agradável dar notícias aos familiares?

—Não conheço ninguém na Colônia, a não ser vovó, que escreva aos seus.

—Psicografia não é um fato tão normal assim. São muitos os médiuns que poderiam fazer, pequena parte o faz. Isto diminui os canais de intercâmbio. Depois são poucos os encarnados que desejam receber notícias, a maioria não crê neste possibilidade. Mensagens, como todas as graças, não devem ser ofertadas, mas pedidas.

—Agora, passaremos novamente em sua casa para que veja sua mãe e voltaremos à Colônia — Artur disse, pegando minha mão.

Beijeí mamãe de novo, pedi a ela para ficar alegre. O telefone tocou. Era minha tia contando-lhe a novidade.

—Você a viu? — indagou mamãe emocionada. — Está bonita? Bem? Graças a Deus!

Desligou o telefone, olhou para o quadro de Jesus que enfeita a parede de nossa sala, orou comovida, agradeceu e, com lágrimas nos olhos, rogou:

“Jesus, muito obrigada! Cuida sempre dela para mim, por favor!”

—Ah, Jesus! Cuida deles, por favor! — completei com fervor.

Voltamos à Colônia. Volitamos até o portão, este foi aberto, entramos. Estava calada, vê-los diminuiu minha saudade. Sabia que eles sofriam, mas estavam fazendo até o impossível para que tivesse a tranquilidade necessária na minha adaptação. Mamãe era a que mais sofria. Maurício disse carinhosamente:

—Tudo passa, menina Patrícia. O tempo cura feridas.

—Mas deixa cicatrizes — respondi.

—Cicatrizes não doem. Você será sempre lembrada por seus familiares, é amada. O tempo suaviza até a saudade — Maurício finalizou.

—Agradeço-os por tudo — disse comovida.

—Vamos ao teatro? — Frederico me convidou.

Fomos, um coral de outra Colônia cantou lindas canções, distraí-me. Ah, os amigos. O que seria da gente sem eles?

Periodicamente um deles me acompanhava para visitar minha família, até que pude ir sozinha. Ver os familiares é uma alegria indescritível. Frederico me explicou:

—Patrícia, você pode fazer estas visitas, porque não se perturba com elas. A maioria desencarnada espera muito tempo por isto. O desencarnado necessita ter entendimento, ter aceitado a desencarnação e os familiares estarem conformados, porque o desencarnado pode ter vontade de ficar e, às vezes, fica. Principalmente se o desencarnado encontra o lar terreno com muitos problemas ou quando os encarnados chamam por ele, pedindo ajuda. Os orientadores daqui têm que analisar todos estes problemas antes de dar autorização a um desencarnado para visitar seus entes queridos. Porque, dependendo, estas visitas podem ser prejudiciais ao visitante.

Sempre escrevi cartas, mensagens à minha família, contava a eles o que via, o que sentia, assim eles acompanhavam meu progresso, a saudade suavizava. Quando não podia ir ditar, um dos meus amigos o fazia por mim.

Antônio Carlos, que sempre me incentivara a fazer as mensagens, um dia me esclareceu:

—Patrícia, estas mensagens também não são privilégio. Isto pôde acontecer por dois fatores: por merecimento dos seus pais e porque você já inicia um treino.

—Treino!?

—Por que se espanta? Sua tia sempre lia seus pensamentos. O intercâmbio é fácil entre vocês duas. Treino sim, certamente mais tarde irá querer ditar aos irmãos encarnados tudo que vê e aprende.

—Escrever livros?!

Ri gostosamente, Antônio Carlos riu também.

—Por que não?

—Não sou escritora.

—Aprende a ser.

Não pensei mais nisto, mais continuei com as mensagens, elas são presente, bálsamo à saudade dos meus.

Via sempre pelo aparelho de “televisão” meus familiares. Eram minutos por dia, temos que educar nossa vontade, senão podemos querer vê-los a todo momento. Pode-se escolher horário para vê-los. Sempre o fazia à tarde ou à noite. Orava antes, via-os, desligava e voltava a orar, sempre me esforçando para estar tranquila. Era uma exceção ter este aparelho. Foi Artur quem me deu. É raro alguém ter um aparelho deste tipo. Foi possível porque Artur, espírito simples, mas com vastíssimos anos de trabalho útil, recebera de presente pelo muito que fez à Colônia. Mas há em vários prédios da Colônia salas com estas televisões. Há na escola e no hospital, onde desencarnados podem pedir e receber autorização para ver seus familiares. Principalmente no hospital, onde os doentes em recuperação se preocupam com a família, desejam saber como eles estão. Antes de serem atendidos, estes pedidos são orientados. Se os instrutores acham que pode ser útil,

eles podem fazer uso deste recurso tão gratificante. Passam por este processo, porque muitos desencarnados ao verem os familiares mesmo que seja pela televisão choram desesperados, piorando sua situação. Cada caso é um caso. Estando o desencarnado melhor, e tendo conhecimento desta possibilidade, se quer, faz o pedido e os orientadores analisam se ele vai poder ou não fazer uso deste maravilhoso aparelho. Assim mesmo pode acontecer de não dar certo. Se há permissão, vão com os orientadores à sala própria. Para muitos são bênçãos, alegrias saber dos seus, vê-los. Para outros, nem sempre; ver os familiares com problemas, sofrendo, não é agradável. A maioria dos moradores daqui gosta de usar deste recurso, os que trabalham pagam por isto. Justo, é uma forma de incentivar o trabalho e premiar o trabalhador.

—Artur, — indaguei — recebi muitos presentes, até de bônus-horas. Por que isto é possível?

—Presentear é tão agradável! Certamente temos a liberdade de usar dos nossos bônus para presentear, mas tomamos cuidado para não incentivar a preguiça, a inércia em quem presentearmos. Aos recém-chegados aqui, amigos e parentes gostam de agradá-los e também incentivá-los a serem úteis.

—Você me deu a televisão, foi um presente tão agradável ao meu coração. Todos presentes foram dados com alegria, carinho, recebi-os com gratidão.

—Nunca usei este aparelho, recebi com carinho e guardei. Dar a você, que o utiliza, me deixa contente, é sempre gratificante poder alegrar um amigo.

Para todos aqueles que encaram a realidade com naturalidade, a desencarnação não os separa dos entes amados e ausência fica menos sentida.

XVI

UNS VÊM, OUTROS VÃO

Dedicava-me cada vez mais ao trabalho na escola. Todas em casa trabalhavam. Como os turnos eram em horários diferentes, em raros momentos estávamos todas em casa. Estava gostando muito da escola. D. Dirce era encantadora, gentil, sempre pronta a nos esclarecer, tirar qualquer dúvida. Ela usa sempre um conjunto de saia e casaco cinza-claro, é elegante, extremamente simpática. Um dia, ao observá-la, me esclareceu bondosamente:

—Quando encarnada, gostava muito de um traje parecido com este. Até esqueço deste detalhe, roupa e moda. Sinto-me bem assim.

—A senhora está muito bem, é elegante. É que encarnada nunca pensei como os desencarnados se vestiam, ainda reparo nestes detalhes. Me desculpe se a observava.

—Não tem por que desculpá-la, logo estes detalhes não a preocuparão mais. Muitos encarnados pensam que desencarnados só se vestem de branco no Plano Espiritual e nas Colônias. Talvez esta idéia veio porque aqui se vestem simplesmente. Vestem-se como querem. Os que trabalham aqui em hospitais e nas equipes médicas normalmente se vestem com roupas claras ou brancas. Os jovens preferem roupas coloridas e agora até jeans. Só somos educados para nos vestirmos decentemente e não abusar das tonalidades fortes. Cores neutras, claras, descansam a vista.

No começo, trocava sempre de roupa, achava tão estranho vestir uma só roupa, fui trocando cada vez menos. Preferindo calças compridas e camisetas. Mas a maioria, principalmente os mais velhos moradores da Colônia, não troca de roupa, como D. Dirce. E ninguém presta atenção neste detalhe, ninguém lhe chamava de mulher de cinza, fato que ocorria entre os encarnados.

Meus alunos eram uns amores. Todos educados, querendo aprender. Eles também quase não trocavam de roupa. A maioria trabalhava no período da manhã e estudava à tarde. Os alunos são separados em classes conforme suas necessidades. Os que têm mais facilidade para aprender e os que têm mais dificuldades. Lecionava para os que tinham mais dificuldades. Eles têm conhecimentos deste detalhe. Não se sentem humilhados, mas, sim, incentivados a aprender. Normalmente tinha que explicar as lições várias vezes e o fazia com gosto.

Como dormia menos, tinha mais tempo livre, quis trabalhar também no período da manhã. Frederico me convidou para ajudá-lo. Comecei com muito gosto a trabalhar com ele. Frederico atendia no hospital os doentes em estado de recuperação, os melhores. Numa salinha, conversava com os que o procuravam, ajudando-os a resolver seus problemas. Ficava como uma atendente, uma espécie de secretária, fazia ficha de atendimento, encaminhava os pacientes. Marcela, uma enfermeira que trazia os pacientes, me explicou:

—Dr. Frederico é ótimo profissional, gostaríamos de tê-lo sempre aqui. Tem nos ajudado bastante como conhecedor e estudioso do comportamento humano, tem resolvido de modo satisfatório inúmeros problemas. Está aqui entre nós temporariamente, veio para auxiliar um ente querido na sua adaptação, após, deve voltar a lecionar nas Colônias Universitárias.

Tive a certeza de que era eu o ente querido que Frederico auxiliava. Sentia que o conhecia, que estávamos ligados por afeto sincero e puro, só não conseguia lembrar.

Também não me preocupei com este detalhe. Quando chegar a hora lembrarei, tudo tem seu tempo. Recordaria no momento certo.

Um dos meus alunos, Jaime, convidou-me para ir a uma festinha em sua casa. Iriam despedir-se de um dos seus filhos que logo reencarnaria.

—Venha, Patrícia, — disse ele — vamos incentivá-lo e lhe desejar que a reencarnação seja proveitosa.

Vovó me acompanhou. A casa de Jaime é agradável como todos os lares da Colônia. Jaime mora com muitos parentes. Leonel, seu filho, deveria retornar logo à carne. Como todos por aqui, Leonel sentia medo e insegurança, pois sabia que o mundo material é muito ilusório. Os amigos o animaram. Jaime leu o texto do Evangelho de João, III: 1-12. Texto em que Jesus explica a Nicodemus a necessidade de renascer. Após, oramos em conjunto. Leonel agradeceu comovido. Foi uma reunião agradável, onde o neto de Jaime tocou violão e cantou lindas canções.

—É estranho fazer festa para um espírito que vai reencarnar — comentei com a vovó.

—Nem tanto assim, amigos se despedem, animando Leonel. Isto é a vida! Infelizmente não são todos que vão reencarnar que recebem este carinho.

Despedimo-nos de Leonel, desejei de todo o coração êxito na encarnação que tinha por bênção para progredir.

Luíza, uma das moradoras de nossa casa, estava aflita esperando a desencarnação de seu pai. Quando a avisaram que se aproximava a hora, ela pôde ir ter com ele e ajudá-lo. Desligou-o da matéria e o levou para um Posto de Socorro. Ela sabia que ele não tinha conhecimentos nem merecimentos para estar bem e tranquilo. Triste, comentou:

—Sou grata a Deus por ter podido tirá-lo do corpo morto e levá-lo para um socorro. Agora, dependerá dele ficar no Posto de Socorro ou não. Estou orando muito por ele.

—Uns vão, outros vêm! Ontem fomos à festa de despedida de Leonel que vai reencarnar. Hoje é seu pai que desencarna! — exclamei pensativa.

Meu sobrinho estava para nascer, a expectativa era grande. No tempo previsto este espírito querido de todos nós nasceu. Pertence ao nosso grupo familiar, antes de reencarnar ele sabia que a família passaria por este período difícil. Encantou a todos, principalmente a minha mãe. Rafael chorava, só quietava nos braços da avó, chamando assim minha mãe para a realidade da vida, uns vão, outros vêm.

Artur me presenteou com um pôster do Rafael que coloquei na parede do meu quarto. Plasmar foto é fácil para aqueles que sabem, também não é difícil aprender. Na escola, há cursos para aprender pela força do pensamento a plasmar no papel, onde quer que seja, uma gravura, uma foto, etc. Em casa, todas as moradoras têm fotografias. Vovó tem as paredes de seu quarto cheias de fotos, dos filhos, netos e bisnetos. Artur prometeu que todo mês iria trazer uma foto do Rafael para que pudesse acompanhar seu crescimento.

Quinze dias após o nascimento de Rafael, pude vê-lo. Maurício e vovó me acompanharam. Vi meu pai, meu irmão, fiquei contente por ter encontrado mamãe melhor. Volitei tranquilamente entre os encarnados, atravessei portas e paredes.

Emocionei-me ao ver meu sobrinho. Tão lindo! Estava acordado e quietinho em seu berço. Aproximei-me e o abracei, ele sentiu meus fluidos e sorriu.

Fiquei tão feliz! Desejei muito ser tia, vê-lo encheu-me de orgulho. Ser tia é maravilhoso!

XVIII NECESSIDADES

Um dia Maurício e eu fomos à Biblioteca. Em uma das estantes há uma divisória espelhada, olhei observando-me e ajeitei meus cabelos, que para minha comodidade ficavam sempre como desejava. Maurício sorriu e começamos a falar sobre necessidades.

—Patrícia, — meu amigo explicou — encarnados não julgam que a vida continua e sem saltos. As necessidades do encarnado acompanham-no como os reflexos da doença. São poucos, pouquíssimos os que ao desencarnar entendem e se libertam imediatamente destes reflexos, das necessidades, a maioria só aos poucos vai deixando.

Oscar, um conhecido, já havia sido apresentada a ele, trabalha na biblioteca. Estando perto, parou com sua pesquisa e ficou escutando a preciosa lição. Com ele, estava um rapaz. Acabou por participar da nossa conversa.

—Desculpe a intromissão. Este é Ramiro — apresentou-nos o rapaz. Após os cumprimentos, Oscar continuou a falar. — Estou bem categorizado como a maioria a que Maurício se referiu. O senhor tem razão, necessito progredir e agora. O comodismo, o estar muito bem assim, faz com que paremos. Já estive pior, mas não é por isto que não posso estar melhor.

—Realmente — disse Maurício — devemos ser aqui e agora. O que e como fazemos é o que somos.

Curiosa, indaguei:

—Oscar, como foram suas necessidades?

—Foram bem diferentes das suas. Você, Patrícia, veio sem vícios, nem de carne se alimentava. Quem não cria hábitos se adapta com mais facilidade. Você não deixou para depois, fez encarnada, eu, por minha vez, fiquei adiando minha transformação sempre para depois, mesmo quando aqui cheguei. Você não ficou com atos externos, fez interiormente. A simplicidade facilita. Observe que no Educandário as crianças se acostumam rápido e logo a maioria aprende a tirar da natureza e com naturalidade seu alimento. Eu, quando encarnado, nada conhecia do Mundo Espiritual, tinha religião de forma externa. Desencarnei e fui para o Umbral. Não era receptivo para ter um socorro e, se não sofresse, não iria dar valor ao que uma Colônia Espiritual oferece. Acho mesmo que, se viesse logo que desencarnei para cá, nem ia gostar. Senti dores horríveis, o reflexo das minhas doenças. Tinha fome, sede, sentia calor e frio. Alimentava-me de plantas que encontrava, tomava água de filetes sujos, também evacuava e urinava pelos cantos, pelo chão. Ansiava desesperado pelo cigarro e pelos meus aperitivos. Sofri muito. Por anos fiquei no Umbral. Um dia, um parente desencarnado que vagava como eu, mas que sabia ir entre os encarnados me levou para meu ex-lar terreno. Este parente vagava entre os encarnados e pelo Umbral. Fiquei com meus familiares. Senti-me melhor. Perto deles, tragava os cigarros quando eles fumavam, bebia e comia.

—Como?! — quis saber.

—Troca de energia. Se você fica perto de um fumante, sente a fumaça, se ficar colado, fuma junto. Alimentava-me quando eles iam tomar as refeições, sentava à mesa, inalava os fluidos dos alimentos. E sugava as energias dos encarnados. Com isto melhorei, mas não estava bem. Senti dores e frio, estava triste e insatisfeito. Notei que os estava prejudicando, fiquei chateado. Não queria voltar para o Umbral e não sabia como resolver este problema. Acabei por cansar e querer uma outra forma de vida. Comecei a orar, a pedir a Jesus que me auxiliasse. Um dia, para minha alegria, um

socorrista veio em meu auxílio e fui conduzido a um Posto de Socorro. Fiquei internado em tratamento, fui melhorando aos poucos. Alimentava-me quatro vezes ao dia. Esforcei-me para largar o tabaco, pois nos Postos de Socorro e nas Colônias (*Postos de Socorro são na maioria pequenos locais de primeiros socorros, estão localizados na Crosta e nos Umbrais. As Colônias são maiores, são cidades espirituais.*) não é dado cigarro, mas sim um tratamento para largar o vício. De qualquer forma, a luta é de cada um. Graças a Deus, consegui, logo não tinha vontade de fumar. Mas demorei para me recuperar. Encarnado, tomava banho diariamente, era higiênico. No Umbral é sujo, não há como se banhar. Sentia falta desta higiene, mas a fome, a sede e as dores eram minhas primordiais necessidades. Quando fui socorrido, estava feio e sujo. No Posto de Socorro tomava banho todos os dias, usava o banheiro para minhas necessidades.

Oscar fez uma pausa e Maurício aproveitou para nos dar alguns esclarecimentos.

—Nas cidades do Umbral, seus habitantes, irmãos ignorantes no mal, a higiene não está nos seus costumes. Porém, sabemos que muitos deles se higienizam de forma rudimentar. Conheci muitos habitantes do Umbral relativamente limpos. Isto depende de cada um. Mas, como Oscar narra, com dificuldades mais sérias, a higiene fica em segundo plano. Os que vagam sofrendo pelo Umbral não conseguem higienizar-se.

—Recuperado — Oscar continuou — quis entender o que se passava comigo, vim para a Colônia estudar e trabalhar. Nada entendia da existência desencarnada, necessitava aprender. Hoje, anos depois, gosto de ler, saber, trabalho, estou tranquilo, alimento-me pouco e minhas necessidades fisiológicas são poucas. Aqui estou bonito e sadio. Meus cabelos (passou a mão na nuca) não me preocupam.

Rimos, Oscar é careca, tem poucos cabelos.

—O que demorei para largar foram meus óculos — continuou nosso amigo —, tinha a impressão que sem eles não enxergava. Por incrível que possa parecer, estive sempre com eles, no Umbral e vagando.

—É mesmo! — exclamei. — Não é comum ver alguém de óculos aqui. Lembro que vovó Amaziles usava encarnada óculos e agora enxerga muito bem.

Maurício nos esclareceu.

—Defeitos, doenças, são do corpo carnal. Embora a impressão destes possa ser forte no corpo perispiritual. Aqui, basta compreender, aprender, para sentir-se sadio. Quando digo aqui me refiro às Colônias e Postos de Socorro. Quem vaga ou por afinidade acaba nos Umbrais, quase sempre tem doenças e deficiências como acompanhantes. Muitos desencarnados bons, ao quererem se identificar entre os encarnados, podem plasmar óculos, ou até mesmo deficiências. O livre-arbítrio é respeitado. Conheço alguns espíritos bons, trabalhadores do Bem, que não querem se desfazer das deficiências, dos óculos ou das bengalas. Estão bem assim, usam porque querem. Como Oscar, é careca porque quer. Se quisesse, teria uma bela cabeleira.

Rimos.

—Realmente — disse Oscar —, identifico-me com minha careca e não acho uma deficiência. Mas o que acho bom mesmo é não ter que ir ao dentista.

—É mesmo! — exclamei novamente. — Não pensei nisto, tenho visto aqui todos com dentes perfeitos.

Maurício aproveitou para nos esclarecer.

—Patrícia, todos aqui na Colônia podem ter dentes perfeitos. Ao se recuperar de doenças, recupera-se também a dentição e não estraga mais, nada de cáries. Infelizmente, os desencarnados que vagam, os que não são socorridos, continuam como estavam, se

não tinham dentes continuam banguelas. Não tenho conhecimentos que estragam mais os dentes, creio que continuam como desencarnaram.

—Aqui na Colônia não ficamos mais doentes? — quis saber curiosa.

—Uma vez sadio, sempre sadio. Um desencarnado bem aqui na Colônia e nos Postos de Socorro não adocece mais. Mas, se não estão totalmente recuperados e saem sem permissão, voltam para os ex-lares sem autorização, ou seja, vão vagar, quase sempre voltam a sentir os reflexos de suas doenças. Não sabem ainda se manter sadios sem os fluidos benéficos destes lugares. Mas os que seguem os regulamentos continuam sempre bem. Não há por que ter doenças.

—Maravilha! — exclamei.

XVIII

A HISTÓRIA DE RAMIRO

Ramiro nos escutava com atenção, então lhe perguntei:

—E você, Ramiro, não quer falar um pouco de si? Escutar amigos é obter informações.

—Até pouco tempo envergonhava-me de falar de minha vida encarnada, da minha desencarnação. Depois, aprendi que todos nós temos nossas histórias e que aqui na Colônia não há críticas e, sim, ajudas. Tem razão, Patrícia, escutar amigos é receber preciosas lições. Minha desencarnação foi bem triste. Por que a maioria das desencarnações é triste?

Fez-se silêncio de minutos. Realmente, pensei. De quase todos aqui, escutei: “Minha desencarnação foi triste... ou sofri muito na minha desencarnação...” Foi Maurício quem respondeu:

—Porque a maioria não pensa na desencarnação para si, não se prepara para a continuação da vida. Vivem encarnados como se fosse seu objetivo maior, amam mais a matéria que as verdades espirituais. Não amam o verdadeiro e, sim, as ilusões da carne e a elas ficam presos. Desesperam ao deixar o corpo físico perecível, esquecem que este veículo físico é temporário. Não vivem de conformidade com os exemplos de Jesus, temem a morte do corpo. Assim sendo, a desencarnação é triste e dolorida. Mas os bons, os que encarnados serviram ao Pai, viveram os ensinamentos de Jesus, nada temem e a desencarnação é uma alegria.

Maurício quietou e olhamos para Ramiro, convidando-o a continuar narrando. Nosso amigo não se fez de rogado.

—Desencarnei jovem. Tomava drogas, não era ainda um dependente, eu pensava não ser. Iludimo-nos muito ao fazer uso de drogas, achamos que paramos quando queremos, mas ao tentarmos nos libertar é que compreendemos o quanto estamos presos a elas. Comecei com maconha e passei à cocaína. Minha família não sabia, não soube. Não tinha motivos para justificar meu envolvimento com as drogas. Agora, tenho certeza que não há motivos que justifiquem esta loucura. Comecei quando namorei uma garota muito bonita e cobiçada pelos rapazes da escola. Ela e sua turma fumavam e me induziram a fumar maconha. Com medo idiota de ser tachado de bobo, imaturo, etc., passei a fumar. Terminei o namoro mas fiquei na turma. Numa corrida, num “racha” com uma moto emprestada, tive um acidente. Caí da moto e bati com a cabeça numa pedra. Meu corpo morreu na hora.

Fiquei muito perturbado. Vaguei por entre os familiares e com os amigos da turma. Os membros da minha turma deram uma parada com as drogas, temeram com a minha desencarnação. Alguns dias depois que desencarnei comecei a sentir falta da cocaína. Todo meu perispírito ansiava pela droga. Foi horrível. Em casa, o desespero de ver minha mãe chorar agoniava-me. Sentia-me culpado. E fui. Desencarnei por minha imprudência, por brincar com a moto, veículo tão perigoso e por estar drogado. Desencarnei antes da hora prevista. O sofrimento dos meus me enchia de culpa e remorso. Incomodava-me ficar em casa, saí e vaguei. Entendi que desencarnara, embora não soubesse ao certo o que ocorrera comigo, meu corpo morreu, mas eu continuava vivo e não sabia o que fazer. Foi aumentando a vontade de injetar cocaína. Nunca pensei em sofrer tanto. Esta foi minha necessidade primordial. Não me interessava em alimentar, com frio ou calor, às vezes sentia sede. Resolvi buscar a droga. Sabia de outra turma que

Apoiamos os direitos autorais.
As páginas desta obra que estás a ler em formato digital, são apenas um excerto para efeitos de divulgação de informação e conhecimentos que consideramos importantes estarem acessíveis ao maior número de pessoas, pois sem Conhecimento, Educação e Sabedoria não existe evolução das sociedades.

Se estás a gostar deste livro, por favor apoia o seu criador e as entidades que apoiam a sua distribuição, adquirindo uma versão original.



umanovatterra.pt